



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

MARIA HELOISA SCHEEL DA SILVA

**A IMPRENSA FEMININA DO SÉCULO XIX NO BRASIL:
A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA REVISTA A *PALAVRA*
(1889-1898)**

Londrina
2025

MARIA HELOISA SCHEEL DA SILVA

**A IMPRENSA FEMININA DO SÉCULO XIX NO BRASIL:
A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA REVISTA A *PALAVRA*
(1889-1898)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito total para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Profa. Dra. Simone Burioli.

Londrina
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

S586a Silva, Maria Heloisa Scheel.
A imprensa feminina do século XIX no Brasil: a representação da mulher na revista A Palavra (1889-1898) / Maria Heloisa Scheel Silva. - Londrina, 2025.
92 f. : il.

Orientador: Simone Burioli.
Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2025.
Inclui bibliografia.

1. História da Educação - Tese. 2. Imprensa - Tese. 3. Mulheres - Tese. 4. Século XIX - Tese. I. Burioli, Simone. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDU 37

MARIA HELOISA SCHEEL DA SILVA

**A IMPRENSA FEMININA DO SÉCULO XIX NO BRASIL:
A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA REVISTA A *PALAVRA*
(1889-1898)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito total para a obtenção do título de Mestre.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Profa. Dra. Simone Burioli
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Sandra Regina Ferreira de Oliveira
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Michelle Castro Lima
Universidade Federal de Catalão - UFCat

Londrina, 19 de setembro de 2025.

AGRADECIMENTOS

Concluir este trabalho, para mim, é mais do que apenas a finalização de uma etapa acadêmica, é a superação de um percurso repleto de desafios e transformações. Os quase três anos de mestrado, considerando o período do meu trancamento, foram um dos processos mais desafiadores pelos quais já passei. Em meio a tantas mudanças pessoais, acadêmicas e profissionais, precisei aprender a lidar com o caos, com as dores, com as incertezas e com as exigências de uma pesquisa, que apesar de difícil, percebo hoje que foi muito necessária para o meu amadurecimento em meio às minhas transformações.

Primeiramente, agradeço à minha orientadora Profa. Dra. Simone Burioli, pelas orientações, ensinamentos, paciência, escuta e generosidade ao longo dessa caminhada. Suas orientações firmes e acolhedoras me deram segurança para seguir mesmo nos momentos de dúvida. Seu apoio, mesmo quando eu mesma não acreditava que seria possível, bem como suas considerações foram essenciais para a construção desta pesquisa.

Às professoras e professores do Programa de Pós-Graduação em Educação, por cada aula, debates, provocações e leituras sugeridas que colaboraram para ampliar o meu olhar sobre a história, a educação e a pesquisa.

Aos meus familiares e amigos que se fizeram presentes com apoio, carinho e atenção, mesmo diante a correria desse processo que me tornou ausente em muitos momentos, permitindo que eu chegasse até aqui.

Também ao meu contato com os animais e com a natureza, que me trouxeram equilíbrio e paz em meio a esse processo. Em especial, aos meus próprios cachorros, companheiros fiéis de tantos dias e noites de escritas, choros e surtos acadêmicos, que viram de perto, ao meu lado, em meu colo, a construção deste trabalho com olhar amoroso e silencioso que só eles sabem oferecer.

E claro, modéstia à parte, agradeço a mim mesma, pela força e coragem que me permitiram seguir e não desistir quando tranquei o curso, pensando que não retornaria para a sua finalização.

Por fim, agradeço a área da História, a qual tive contato e estudei nos últimos anos, e que acabou me ajudando a entender a minha própria história. Que esse trabalho não seja um fim, mas um capítulo de uma trajetória em constante movimento.

RESUMO

SILVA, Maria Heloisa Scheel. **A imprensa feminina do século XIX no Brasil: a representação da mulher na revista *A Palavra* (1889-1898)**. 2025. 95 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2025.

Esta dissertação faz parte de pesquisas da Linha 1 - Perspectivas Filosóficas, Históricas, Políticas e Culturais da Educação, do Núcleo de História, Cultura, Escola e Ensino - do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina. O problema da pesquisa envolve a questão sobre como os discursos veiculados na revista *A Palavra: revista litteraria dedicada à instrucção e recreio da mulher*, representavam os ideais sobre ser mulher na sociedade oitocentista brasileira. Desse modo, o objetivo geral é analisar como as mulheres eram representadas nos discursos da revista, a fim de compreender o papel social feminino naquele período. A pesquisa, de cunho qualitativo, consta de um estudo documental e bibliográfico sob a perspectiva da Nova História Cultural. A fim de obter uma análise histórica de *A Palavra*, periódico do fim do século XIX, tem-se como parte da fundamentação teórica autores(as) como Chartier (1990), Duarte (2017), Priore (2020) e Barreto (2024). Com a análise, foi possível perceber que a revista da imprensa feminina, prescrevia, bem como descrevia um padrão social de feminilidade marcado por valores morais, religiosos e patriarcais, que reforçaram o papel da mulher no ambiente privado, em casa, cuidando de sua família. Os resultados confirmam que a imprensa feminina do final do século XIX foi um espaço de tensão, mas também de possibilidades entre manter uma tradição seguindo as estruturas de poder e a abrir brechas para a participação da mulher no espaço público. Analisar um periódico como *A Palavra* é conhecer e entender discursos limitados de direitos femininos, que ao mesmo tempo mostram possibilidades de inserção da mulher na vida pública. Portanto, espera-se que esta pesquisa seja uma base e incentivo para novas investigações sobre variadas representações de sujeitos históricos sob a ótica da imprensa brasileira.

Palavras-chave: história da educação; Mulheres; século XIX; representação; periódicos.

ABSTRACT

SILVA, Maria Heloisa Scheel. **The 19th century feminine press in Brazil: the representation of women in the magazine *The Word* (1889-1898)**. 2025. 95 p. Dissertation (Master's in Education) – State University of Londrina, Londrina, 2025.

This dissertation is part of research from Line 1 - Philosophical, Historical, Political and Cultural Perspectives of Education, from the Center for History, Culture, School and Teaching - of the Postgraduate Program in Education at the State University of Londrina. The research problem involves the question of how the discourses conveyed in the magazine *The Word: a literary magazine dedicated to the education and recreation of women*, represented the ideals of being a woman in nineteenth-century Brazilian society. Thus, the overall objective is to analyze how women were represented in the magazine's discourse, in order to understand the social role of women during that period. The research, qualitative in nature, consists of a documentary and bibliographical study from the perspective of the New Cultural History. In order to obtain a historical analysis of *The Word*, a periodical from the end of the 19th century, the theoretical foundation includes authors such as Chartier (1990), Duarte (2017), Priore (2020) and Barreto (2024). Through the analysis, it was possible to perceive that the women's press magazine prescribed, as well as described a social standard of femininity marked by moral, religious and patriarchal values, which reinforced the role of women in the private environment, at home, taking care of their family. The results confirm that the women's press at the end of the 19th century was a space of tension, but also of possibilities between maintaining a tradition following power structures and opening up gaps for women's participation in the public space. Analyzing a periodical like *The Word* means knowing and understanding limited discourses on women's rights, which at the same time show possibilities for women's inclusion in public life. Therefore, it is hoped that this research will be a basis and incentive for new investigations into varied representations of historical subjects from the perspective of the Brazilian press.

Key-words: history of education; women; 19th century; representation; periodicals.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Localização das escritoras citadas.....	31
Figura 2 -	Linha do tempo dos periódicos citados	38
Figura 3 -	Capa da primeira publicação disponível da revista <i>A Palavra</i>	53
Figura 4 -	Última capa da revista.....	54
Figura 5 -	Formato de escrita da revista	55
Figura 6 -	Última página das publicações.....	56
Figura 7 -	Anúncios da revista.....	58
Figura 8 -	13 de maio	67
Figura 9 -	“A mulher”	70
Figura 10 -	Casamento.....	71
Figura 11 -	O christianismo na revista	73
Figura 12 -	Mulheres e trabalho.....	75
Figura 13 -	Ser mãe.....	77
Figura 14 -	Charada	79
Figura 15 -	Pensamentos	79
Figura 16 -	Crônica de Machado de Assis.....	80
Figura 17 -	Alma de poeta de Delminda Silveira	81
Figura 18 -	“Uma recordação” de Delminda Silveira.....	82
Figura 19 -	Última página disponível	82

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	A PESQUISA HISTÓRICA E O USO DE REVISTAS COMO FONTE	16
2.1	A nova história cultural e a representação	22
3	A IMPRENSA FEMININA DO SÉCULO XIX NO BRASIL	26
3.1	A mulher no Brasil do século XIX	39
4	A MATERIALIDADE DO IMPRESSO	49
4.1	A Palavra: revista Litteraria dedicada à instrução e recreio da mulher	50
4.1.1	Capa e escrita.....	52
4.1.2	Anúncios.....	57
4.1.3	Colaboradores.....	59
4.2	A representação da mulher em <i>A Palavra</i>	63
5	CONCLUSÃO	85
	REFERÊNCIAS	88

MEMORIAL

Estudar e pesquisar na área da História da Educação, nos permite percorrer um caminho que nos faz pensar na própria história de vida. Ao investigar o passado e refletir sobre os discursos que moldaram a educação e o papel social das mulheres, confrontei-me muitas vezes com os caminhos que trilhei, a minha trajetória, o ambiente em que cresci, a forma com que fui educada, os silenciamentos, bem como as transformações que me desconstruíram, encorajaram e libertaram como mulher.

Ao relembrar a minha infância e adolescência, recordo-me de diversos interesses, contudo, minha paixão por animais sempre se mostrou marcante, tanto que durante esse período o meu sonho era cursar Medicina Veterinária. Porém, diante das possibilidades e dificuldades do momento de decisão, esse curso não era uma opção, pois precisava cumprir com outras responsabilidades.

Em meio às decisões e desejo de entrar para a universidade, a Pedagogia se tornou a minha segunda opção, a partir de muitas influências de grandes professoras entre família, amigos e professores que fizeram parte da minha educação. Ao longo do curso, percebi que foi uma escolha consciente e significativa, pois, foi nessa trajetória que comecei a dar os primeiros passos para a minha desconstrução e empoderamento como mulher.

Desde o primeiro ano da graduação, entre diferentes professores que ministraram a disciplina, a História da Educação despertou um interesse em mim para além das outras disciplinas, tendo em vista sua perspectiva entre passado-presente-futuro, as ideias e questões educacionais construídas ao longo do tempo, desde o ensino, a formação dos professores, a estrutura da escola e da sala de aula e as leis que fizeram parte disso.

Durante o segundo ano da graduação, com o objetivo de adentrar mais a área e a pesquisa, entrei em contato com a Prof^a. Dr^a. Simone Burioli com interesse em participar do projeto de Iniciação Científica sob sua orientação, e foi assim que nossa parceria na pesquisa começou, seguindo para o Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, e, conseqüentemente, para o mestrado.

Na Iniciação Científica, comecei a trabalhar com a imprensa, percebendo fontes históricas como uma ferramenta rica para a produção acadêmica. Foi nesse momento que iniciei minha trajetória na pesquisa, apesar de neste momento ainda não estudar sobre as mulheres, e sim sobre educação especial inclusiva.

Em seguida, com o TCC, na tentativa de buscar outro tema que me brilhassem os olhos para um estudo, me encontrei nos estudos sobre a história das mulheres, seguindo no meio da imprensa, mas, dessa vez, utilizando uma revista do século XIX como fonte, o que fez com que eu tivesse o meu primeiro contato com o acervo da Hemeroteca Digital, tendo conhecimento sobre inúmeros periódicos que apresentam sobre diversos temas possíveis de pesquisa.

Em meio a tantos outros jornais e revistas, como busquei sobre instrução feminina, encontrei uma ampla revista com registros que revelaram discursos dominantes e padronizados referentes à vida das mulheres em *A Palavra: revista litteraria dedicada á instrucção e recreio da mulher*. Ela me chamou a atenção tanto por seus temas, discursos e quantidade de publicações disponíveis que permitiria uma boa análise não só para o TCC, mas para pesquisas futuras, como o mestrado.

Essa experiência e o interesse pela pesquisa me influenciaram a ingressar no Mestrado em Educação, no entanto, não era de fato algo que sonhava. No momento, era uma das alternativas que eu poderia tentar para seguir na área, a partir do medo de não conseguir um trabalho depois de formada. Mas, quando aprovada, vieram a felicidade e a comemoração por mais um passo, bem como também as dificuldades em começar a pensar na pesquisa com a reformulação do projeto.

Desde o início, minha dissertação passou por muitas mudanças, como no que seria pesquisado acerca das mulheres, os objetivos, e, principalmente quanto aos periódicos que seriam analisados, os quais, junto da minha orientadora, passamos por pelo menos cinco possibilidades entre jornais do século XIX e XX. Após a apresentação no final da disciplina Atividades Orientadas de Pesquisa, ficou definido que seriam analisadas duas revistas do século XIX, de diferentes perspectivas sobre as mulheres, sendo *O Sexo Feminino* e *A Palavra*, o que fiz até a etapa da qualificação.

Porém, na qualificação, com as sugestões da banca e considerando o tempo necessário para a finalização do texto, vieram mais mudanças, fazendo com que apenas uma revista fosse analisada. Assim, optamos por analisar mais uma vez *A Palavra*, com novas edições disponíveis, à fim de dar continuidade ao estudo da revista oitocentista que possui um perfil conservador, seguindo os padrões do período, de modo a ampliar minha compreensão sobre a representação das mulheres em um impresso dedicado a sua instrução.

A escolha deste tema partiu de um questionamento pessoal sobre como os discursos de gênero foram construídos ao longo do tempo, do quanto influenciaram na vida das mulheres e do quanto reverberam até hoje na forma como somos vistas, ouvidas e tratadas.

Ao longo desse percurso, algumas questões pessoais e profissionais me rondavam, fazendo que em um determinado momento isso me desestabilizasse psicologicamente, e fizesse eu tomar a decisão de trancar o mestrado no último semestre. Em meio ao caos e a necessidade de retomar a minha vida, atuei como professora da educação infantil, me aproximei da área pet realizando um curso de pet shop e auxiliar veterinária e trabalhando em uma creche de cachorro, me voluntariei em uma ONG de proteção animal e comecei a buscar novas possibilidades profissionais, para além de uma sala de aula, e quem sabe também em outra área.

Após um semestre com o curso trancado, retornei ao mestrado determinada a finalizá-lo e a conseguir a Bolsa de Demanda Social. Fiz minha inscrição, fui selecionada, e, com isso, pude deixar o Centro de Educação Infantil onde trabalhava, um espaço em que não me sentia realizada, e, assim, me dedicar com mais foco à conclusão da dissertação.

Percebo que minha trajetória tem sido marcada por movimentos entre áreas, paixões, certezas e dúvidas na tentativa de me sentir realizada. Mas, em todos esses momentos, a sensibilidade para observar, escutar e refletir esteve presente. Pesquisar sobre o passado das mulheres na imprensa foi também uma forma de pensar sobre o meu próprio lugar no presente: como pesquisadora, como mulher, como sujeito em constante transformação.

Afirmo que ao estudar como as mulheres eram representadas no século XIX, fui percebendo como discursos semelhantes fizeram parte da minha educação enquanto mulher e o quanto os padrões e estereótipos sobre o que se espera de uma mulher, como submissão, fragilidade e espaços privados, por exemplo, se refletiram no que me foi ensinado e são apresentados até hoje na sociedade. De modo geral, a formação pedagógica me transformou profundamente, ampliando a minha visão de mundo, de educação e do compromisso com a escuta e com a justiça social. E nesse sentido, a pesquisa não foi apenas uma atividade intelectual, mas também uma experiência de autoconhecimento e desconstrução de narrativas, que de alguma forma, e por muito tempo me influenciaram em minhas escolhas e em minha visão de mundo.

Concluir esta dissertação é um marco importante, mas não um ponto final. Levo comigo questionamentos, aprendizados que se refletiram na minha história e a certeza de que pensar na educação, na história, no gênero e nas demais diversidades, é pensar em possibilidades para o futuro.

Portanto, a dissertação que será apresentada é um resultado de todo esse processo acadêmico, profissional e pessoal, realizado a partir de pesquisas e orientações com a Prof^a. Dr^a. Simone Burioli, bem como discussões realizadas nas disciplinas no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina - UEL, os quais foram fundamentais para a conclusão de mais uma etapa de toda a minha trajetória.

1 INTRODUÇÃO

O século XIX no Brasil, foi um período em que as mulheres viviam em uma sociedade estruturalmente patriarcal e com influências religiosas que definiam um lugar para elas na sociedade. Era comum que elas seguissem o papel social para qual eram destinadas, ou seja, aos afazeres do lar, cumprindo seu papel, principalmente como esposa e mãe.

Mais especificamente no fim do século XIX, período de publicação de *A Palavra: revista litteraria dedicada à instrução e recreio da mulher*¹ (1889-1898), revista tomada como fonte, ocorre a transição do período imperial para o republicano, e conseqüentemente, mudanças nos modos de vida, inclusive, das mulheres no meio da educação e do trabalho (Passos, 2019).

A ascensão do movimento feminista no Brasil, junto a circulação de periódicos durante o período oitocentista foram fortes ferramentas de comunicação, informação e influência, principalmente, no que diz respeito à imprensa feminina e feminista no período.

Knapp (2021) ressalta que a história das mulheres contadas pelos jornais, sobretudo pela escritura feminina, revelou aspectos interessantes a respeito da dominação do universo patriarcal em oposição à neutralização da postura feminina no ambiente público. A autora sinaliza que a participação do gênero feminino, tanto na imprensa como na publicação de obras literárias foi se consolidando no Brasil, mesmo diante das inúmeras dificuldades enfrentadas.

Assim, percebe-se a emergência das vozes silenciadas do século XIX, as quais tiveram uma expressão extremamente relevante na consolidação dos direitos das mulheres, principalmente no que se refere à imprensa feminina e feminista. Tais considerações, justifica-se a proposta deste estudo, dada a relevância e significado do estudo da imprensa feminina do século XIX.

Segundo Ivashita (2021), a imprensa como fonte de pesquisa na História da Educação apresenta discursos e representações que colaboram para a compreensão de problemáticas e características existentes em determinada época, e, conseqüentemente, enriquecem os estudos com novas perspectivas.

Tendo isso em vista, esta pesquisa consta de uma análise do periódico *A*

¹ Optou-se por manter a escrita original da Revista, mesmo não obedecendo a Língua Portuguesa atualizada.

Palavra: revista litteraria dedicada à instrucção e recreio da mulher, fundada por Achilles Mello, no estado de Alagoas. Trata-se de um periódico da imprensa feminina, que produz e propaga discursos relevantes para compreender a representação da mulher e seu papel social na época em meios educacionais e culturais. Em suas publicações estão presentes temas como educação, trabalho, religião, moral, bem como são encontrados anúncios, receitas e charadas, por exemplo.

A revista encontra-se disponível no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Digital - Brasil, com 41 publicações disponíveis, sendo uma de 1889, uma de 1891 e trinta e nove de 1898. A Hemeroteca, de acordo com o próprio site da biblioteca, é um portal de acervos de periódicos como revistas, jornais, boletins, anuários, dentre outros, principalmente dos séculos XIX e XX para busca de forma digital. Ou seja, é possível o acesso desde que tenha uma conexão à internet. A busca pode acontecer a partir de pesquisas por título, local ou período de publicação, edição e palavras-chave sobre determinado tema (Biblioteca Nacional Digital, 2025).

A revista *A Palavra*² possuía um viés mais conservador, com muitas publicações que relacionavam as mulheres à família e ao lar, mostrando como deveriam se comportar, além das matérias serem escritas em sua maioria por homens. A escolha desta revista, apesar de não existir muitos trabalhos referentes a ela para revisão de literatura, se deu a partir de buscas no site da Hemeroteca Digital de periódicos com perspectivas mais tradicionais.

Foram encontrados apenas três trabalhos de forma geral no “Google” e os temas envolvem a instrução e educação da mulher, além de uma delas ser um breve histórico sobre a revista, considerando que é apresentada em um dicionário ilustrado de periódicos do século XIX. Nenhum se configura como dissertação ou tese. Assim, não houve nenhum resultado de pesquisa em sua busca no site da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e no Portal de Periódicos da Capes, o que reforça o ineditismo deste trabalho e também sua relevância.

Dentre outros periódicos encontrados a partir de palavras de busca como “Mulheres”, “Mulheres no século XIX”, “século XIX”, “Feminino” e “Bello Sexo”, *A Palavra* apresentou um maior número de artigos publicados, o que diante ao objetivo da pesquisa, amplia o número de análise, e, conseqüentemente, geram resultados mais significativos.

² Será utilizado ao longo da pesquisa o nome reduzido “A Palavra”, considerando a extensão de seu nome original.

Para além da justificativa já apresentada para a escolha da revista, vale ressaltar que ela apresenta perspectivas sobre as mulheres em um determinado período, evidenciando os discursos que reforçavam os padrões vigentes de uma sociedade patriarcal. Assim, será possível perceber também o papel da imprensa na construção da identidade feminina.

Para este trabalho, o periódico, dentro da imprensa, são fontes históricas que permitem perceber em suas representações, o que era apresentado nas temáticas referentes às mulheres no século XIX. Assim, os resultados podem ser significativos para uma reflexão quanto às transformações que ocorreram e refletem na atual condição das mulheres na sociedade.

De acordo com Barros (2019, p. 1), as fontes históricas são consideradas “tudo aquilo que, por ter sido produzido pelos seres humanos ou por trazer vestígios de suas ações e interferência, pode nos proporcionar um acesso significativo à compreensão do passado humano e de seus desdobramentos no presente”.

Foi nesse sentido que o interesse pelo tema surgiu, diante a estudos e reflexões críticas em pesquisas sobre a história da educação da mulher em perspectivas históricas e sociais, sobretudo na sociedade atual, e as influências culturais e religiosas enraizadas ao longo da história que estabelecem padrões de vida a serem seguidos pelas mulheres.

Isso levou a uma necessidade pessoal de compreender mais sobre a problemática no passado, mais especificamente no final do século XIX, por ser um período em que determinados padrões sociais eram muito reforçados, além de um período marcado também por muitas mudanças políticas, sociais e econômicas na sociedade brasileira que foram se modificando aos poucos as normas sociais vigentes, sendo um período marcado também pela transição do Império para a República no Brasil.

Esta pesquisa, de cunho qualitativo, consta de um estudo documental e bibliográfico sob a perspectiva da Nova História Cultural. Portanto, a fim de obter uma análise histórica com a revista tomada como fonte, a pesquisa tem como problema a seguinte questão: Como os discursos veiculados na revista *A Palavra* representavam os ideais sobre ser mulher na sociedade oitocentista brasileira? Desse modo, a pesquisa tem como objetivo geral analisar como as mulheres eram representadas nos discursos da revista, a fim de compreender o papel social feminino naquele período.

O termo referente à "representação", foi analisado na perspectiva de Roger

Chartier (1990), pois, possui um papel fundamental na análise histórica da cultura escrita, da leitura e da construção das identidades sociais. Para o autor, as representações são históricas, casuais e disputadas, que circulam por meio de textos, imagens, discursos e objetos, e são apropriadas de diferentes formas e por diferentes grupos sociais. Assim, falar sobre representações envolve compreender como elas moldam as vivências e os modos de pensar em diferentes épocas e contextos, nesse caso, de uma revista que circulou no final do século XIX.

Então, para atender o objetivo, o texto foi organizado da seguinte forma: no primeiro capítulo foi discutida sobre a pesquisa histórica e o uso de revistas como fonte utilizando autores de referência como Capelato (1988), Vidal (2018), Barros (2019) e Le Goff (2013), de modo a compreender suas relevâncias nos estudos da História da Educação. Além disso, tem-se um subcapítulo sobre a perspectiva da Nova História Cultural e o termo “representação”, com base principalmente em Chartier (1990) que envolvem a pesquisa e sua análise.

No segundo capítulo, foi realizada uma discussão sobre a imprensa feminina do século XIX a partir de uma fundamentação teórica sobre a temática com Louro (1997), Duarte (2017), Souto (2019) e Priore (2020), a fim de estabelecer relações com a análise das matérias da revista e os resultados encontrados. Além disso, possui também um subcapítulo contextualizando a vida das mulheres no período da análise, tendo como referências Luca (2004), Azevedo (2016) e Siqueira (2019), dentre outros autores.

Já no terceiro capítulo, foi apresentada a materialidade do impresso tomado como fonte, catalogando o mesmo com informações acerca de suas publicações como fundador, localização, frequência, valores, abordagens, colaboradores, bem como sua estrutura. Neste capítulo também foi analisada a revista *A Palavra*, com o objetivo de identificar como os discursos da revista foram construídos, reforçando ou desafiando os padrões sociais femininos do século XIX, percebendo como as mulheres eram representadas nos números que tratavam sobre o papel social, a moral e costumes, instrução e educação feminina.

2 A PESQUISA HISTÓRICA E O USO DE REVISTAS COMO FONTE

O uso de impressos vem crescendo tanto como fonte de pesquisa, como objeto de estudo para a compreensão de temas voltados à educação. Ao longo dos anos, a imprensa, em seus registros, tem contribuído de forma significativa para historiar o pensamento educacional da sociedade, principalmente a partir do século XIX, tornando-se, assim, um instrumento que colabora para a construção do conhecimento na área da educação (Vidal, 2018).

Zanlorenzi e Nascimento (2020) concordam com a afirmação, quando mencionam que os estudos em história da educação que utilizam a imprensa como fonte primária ou secundária têm se sobressaído de modo a contribuir para a compreensão de que os processos históricos são mediados e fazem parte de uma totalidade.

Ao tratar sobre a imprensa como objeto da história, Capelato (1988, p. 21) aponta que:

A imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social. Partindo desse pressuposto, o historiador procura estudá-lo como agente da história e captar o movimento vivo das idéias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais. A categoria abstrata *imprensa* se desmistifica quando se faz emergir a figura de seus produtores como sujeitos dotados de consciência determinada na prática social.

Sendo os impressos uma fonte de pesquisa e informação importante para a História da Educação, conforme Catani e Bastos (2002, p. 49-50), é necessária uma crítica coerente com a realidade, tendo em vista que a imprensa é um instrumento que:

[...] capta, transforma e divulga acontecimentos, opiniões e ideias da atualidade – ou seja, lê o presente – ao mesmo tempo em que organiza um futuro – as possíveis consequências desses fatos do presente – e, assim, legitima, enquanto passado – memória – a leitura desses mesmos fatos no presente futuro.

Vale ressaltar a relação que os autores mencionados estabelecem entre o presente, passado e futuro, socializada pela imprensa. Neste sentido, evidencia-se a importância deste veículo para a comunicação não apenas de fatos e acontecimentos, mas, também, de ideias e opiniões, sob uma perspectiva de totalidade.

Os impressos são cada vez mais utilizados no campo da História da educação

como fonte e objeto de estudo fundamentais. Eles permitem conhecer e realizar uma leitura profunda das ideias apresentadas aos leitores, bem como compreender o que é ou era pensado e escrito acerca de um determinado tema, em um determinado período (Vidal, 2018).

Segundo Sodré (1999), ao falar sobre imprensa, é preciso tomar cuidado ao referir-se a ela como um meio de comunicação de massa, pois ela não é, pelo menos no Brasil, considerando que, mais especificamente as revistas e jornais não são utilizados e lidos frequentemente por um grande número de pessoas na sociedade.

Desse modo, Vidal (2018) aponta que cabe ao pesquisador buscar e compreender quem são os leitores de um determinado jornal, por exemplo, para que as escritas e representações do mesmo façam mais sentido, considerando também os objetivos de quem o escreveu, no caso de *A Palavra*, em sua maioria, homens, que aborda o próprio ponto de vista, independentemente se é um pensamento verdadeiro ou não. A autora ainda afirma, diante disso, que é preciso olhar para essa fonte de pesquisa com criticidade, problematizando, e não apenas discordando ou concordando das escritas e representações colocadas.

Na concepção de Capelato (1988), a imprensa comenta, registra e participa da história. A mesma autora coloca que, desde o início, a imprensa se apresentou como força política na sociedade. Além disso, pode-se afirmar que se trata de um veículo de informação situado entre as dimensões social, histórica e cultural.

Bastos (1997, p. 173) afirma que a imprensa permite aos pesquisadores “estudar o pensamento pedagógico de um determinado setor ou grupo social, a partir da análise do discurso veiculado e a ressonância dos temas debatidos, dentro e fora do universo escolar”. Ou seja, ela abrange diversos temas que fazem parte da realidade dos sujeitos e que podem ser utilizados para estudos mais aprofundados.

Trata-se de uma mercadoria particular, mas que coloca no mercado uma mercadoria política, na medida em que a informação é um direito público, mas o jornalismo é uma atividade predominantemente exercida pelo setor privado (Capelato, 1988).

Assim, a imprensa passa a ser compreendida como algo “novo” e enriquecedor para a pesquisa, ainda mais no campo da História da Educação. Neste sentido, para Vidal (2018), é interessante destacar que a fundação da revista dos *Annales* por Lucien Febvre e Marc Bloch, em 1929, na França, gerou a ideia de uma nova perspectiva, a da nova história, mais diversa e próxima de outras ciências, “[...] dando

maior sentido para a inovação temática em oposição à História dita tradicional, narrativa e política por uma História problemática” (Vidal, 2018, p. 2).

Segundo Vidal (2018), é uma inovação no campo da pesquisa que começa a se tornar significativo em buscar novas fontes e objetos de investigação. Nessa nova perspectiva, além de novos métodos de pesquisa, passa a existir o que Le Goff (2013) chama de *revolução documental*, sendo os estudos não apenas baseados em escritos, mas em tudo o que foi feito pelos sujeitos ao longo da história. Em suas palavras:

A revolução documental tende também a promover uma nova unidade de informação: em lugar do fato que conduz ao acontecimento e a uma história linear, a uma memória progressiva, ela privilegia o dado, que leva à série e a uma história descontínua. Tomam-se necessários novos arquivos, onde o primeiro lugar é ocupado pelo *corpus*, a fita magnética. A memória coletiva valoriza-se, institui-se em patrimônio cultural. O novo documento é armazenado e manejado nos bancos de dados. Ele exige uma nova erudição que balbucia ainda e que deve responder simultaneamente às exigências do computador e à crítica da sua sempre crescente influência sobre a memória coletiva. (Le Goff, 2013).

Tratando sobre documento, vale ressaltar também que ele não possui uma neutralidade, o documento é intencional, então cabe ao pesquisador considerar a “[...] sua subjetividade e intencionalidade, submetendo-as a uma criticidade histórica, na busca de uma maior priorização da produção do conhecimento científico” (Vidal, 2018, p. 4). Ou seja, ao usar a imprensa para investigação de um problema, é importante olhar de forma crítica para o objeto de estudo, não se apegando a ele como único, pois possui intencionalidade e interesses em suas escritas e representações, os quais merecem uma determinada atenção (Vidal, 2018).

Por ser um veículo de comunicação em que estão presentes debates, discussões e polêmicas da época de sua escrita, é possível afirmar que a imprensa assume um lugar de manifestações coletivas, por expressar, em sua complexidade, os conflitos e as diferentes experiências sociais, políticas, morais e culturais.

De acordo com Zanlorenzi (2010, p. 64), percebe-se que:

O uso da imprensa – e nessa a utilização de periódicos impressos como revistas e jornais - longe das manifestações historiográficas pautadas na linearidade, no controle rígido dos escritos dos documentos e na fragmentação de posicionamentos, possibilita ultrapassar os limites da pesquisa em História que privilegiam questões em detrimento de outras, ampliando assim os horizontes do conceito de fonte.

Conforme expõe a autora mencionada, percebe-se que o uso da imprensa como fonte de pesquisa nos meios educacionais perpassa um amplo leque de possibilidades que extrapolam apenas uma análise documental.

Barros (2019), ao buscar uma definição de fonte histórica, utiliza a expressão *marcas da história*, as quais não necessariamente precisam ser manifestadas de forma material, tendo em vista a própria conformação da sociedade na contemporaneidade, permeada por registros virtuais de muitas formas.

No desenvolvimento deste trabalho, será analisada uma revista, sendo ela a fonte material, dentro dos periódicos descritos por Barros (2019, p. 14) como:

[...] aquelas que são o próprio suporte (os objetos de cultura material), ou que se valem muito demarcadamente de suportes específicos para transmitir mensagens e conteúdos em diferentes tipos de linguagens, em distintos níveis simbólicos, e integrando variadas funções.

Ao utilizar uma revista como objeto da cultura material em determinado recorte temporal, este trabalho busca analisar as mensagens e conteúdos neles apresentados, no intuito de ampliar a compreensão acerca das complexas relações entre a mulher e o discurso, principalmente, considerando as condições femininas no século XIX.

Segundo Luca (2004), os periódicos femininos se destacam, pois, no passado, contribuíram para a construção de uma figura feminina nos moldes e limites do sistema patriarcal. Nesse sentido, a análise de uma revista do século XIX permite observar essas questões, percebendo a representação das mulheres em um veículo de informação do período.

Sendo assim, cabe aqui a concepção de imprensa apresentada por Nóvoa (2002), quando ele aponta esta como sendo o melhor caminho para a compreensão das dificuldades de articulação entre a teoria e prática, tendo em vista que: “[...] o senso comum que perpassa as páginas dos jornais e das revistas ilustra uma das qualidades principais de um discurso educativo que se constrói a partir de diversos atores em presença (professores, alunos, pais, associações, instituições etc.)” (Nóvoa, 2002, p. 13).

Barros (2021, p. 400) aponta que “são múltiplos os ambientes sociais ou culturais nos quais cada um destes tipos de periódicos pode circular, e os modos como eles podem ser disponibilizados ao seu público ou segmento de população”.

Também no pensamento de Zanlorenzi e Nascimento (2020, p. 1187):

Faz-se necessário contextualizar o periódico nos seus aspectos históricos com a análise do contexto em que o mesmo foi produzido, ou seja, as questões sociais, econômicas e políticas no período de sua publicação. Independente se o mesmo era um jornal local, de grande circulação, ou um periódico específico, como o educacional, é primordial compreender as relações que permeavam esta sociedade na totalidade de relações que a determina, sejam elas de nível econômico, social, cultural, e em suas contradições e mediações. O conhecimento do modo de produção vigente ou no período da pesquisa demonstra como se organizam as relações na sociedade.

No entanto, é importante ir além na compreensão da realidade, a qual se apresenta em toda sua complexidade. Para Capelato (1988, p. 23) “Conhecer a história através da imprensa pressupõe um trabalho com método rigoroso, tratamento adequado de fonte e reflexão teórica”. Assim, entende-se que o método de análise, associado ao tratamento crítico das fontes pode resultar em reflexões que podem conduzir a uma análise mais ampla do contexto em que os periódicos foram produzidos.

Zanlorenzi e Nascimento (2020, p. 1189) ainda explicam que:

A pesquisa envolvendo a imprensa e os aspectos educacionais pressupõe entender que esta circula na sociedade vinculada a um movimento mais amplo da sociedade, podendo ser observado na veiculação de teorias e metodologias e na ressonância e aceitação do repertório expresso.

Bezerra (2023), quando se propõe a investigar o documento impresso, principalmente os periódicos, como fontes materiais, afirma que as operações de descrição e interpretação nunca podem ser dissociadas, na medida em que a atividade de problematizar o impresso periódico deve partir, do pressuposto de que “[...] o próprio conceito de texto, tanto quanto o de documento, torna-se, assim, ampliado, performativo e relacional” (Bezerra, 2023, p. 7).

Não se pode perder de vista que um impresso, seja ele qual for, enquanto objeto cultural, institui um espaço físico, uma temporalidade, cadência e códigos próprios de sua decifração, o que pressupõe entender minimamente como se constitui esse que, doravante, chamo de objeto-fonte, situando-o no cruzamento de relações temporais sincrônicas e diacrônicas (Bezerra, 2023, p. 8).

Pode-se afirmar que são vários os elementos que devem ser analisados quando se pretende tomar a imprensa como objeto de estudo. Além disso, vale

ressaltar também a importância da compreensão do momento histórico-social e cultural da produção das fontes pesquisadas.

Segundo Barros (2021, p. 416), apesar do seu foco de estudo ser o jornal, ele contribui para o campo de pesquisa, quando menciona que:

Para compreender este lugar de recepção adequadamente, devemos pensar nos tipos de leitores que têm acesso ao jornal – situando-os em sua condição social, econômica, política, cultural – entendendo que o jornal também pode disputar com outros diferentes faixas de público. O ‘alcance espacial’ – geográfico, mas também relativo aos espaços de sociabilidade – também precisa ser indagado.

De modo geral, a imprensa tem desempenhado um papel significativo na construção e compreensão da História da Educação, principalmente, por não ser considerado um veículo neutro de informação. Com isso, cabe aos pesquisadores agirem com cautela nas análises críticas das ideias, não as considerando uma verdade absoluta em uma determinada fonte. O uso dos impressos é fundamental para a compreensão de um objeto, gerando novas perspectivas sobre fatos que contribuem para a inovação de pesquisas futuras no campo da História da Educação (Vidal, 2018).

Para além dos estudos acerca da imprensa como fonte e objeto de pesquisa apresentado neste primeiro título, para cumprir com os objetivos do trabalho e contribuir com uma análise da revista no próximo capítulo, é fundamental abordar de forma mais ampla sobre a imprensa feminina no Brasil do século XIX, o que faz parte do objeto de estudo deste trabalho.

Mesmo sem envolver conceitos de comunicação, vale ressaltar a recepção como um elemento importante para o desenvolvimento de um trabalho que envolva a imprensa no campo educacional. Os leitores, neste trabalho em específico, as mulheres a quem eram dirigidos os artigos dos periódicos tomados como fonte de análise, precisam ser considerados em suas condições sociais, econômicas, políticas e culturais e, ainda, no contexto da produção e circulação dos periódicos.

Portanto, tem-se a imprensa como fonte histórica de pesquisa que possibilita o resgate de memórias, situações e cenários do passado a partir dos registros que comentam, representam e formam opiniões em seus conteúdos apresentados. Lima (2007) faz um destaque para a importância de compreender o significado dos documentos, os quais colaboram para pesquisas e estudos históricos, como é o caso

da imprensa feminina do século XIX.

Ao longo deste trabalho, a temática referente a imprensa feminina bem como a revista tomada como fonte serão apresentadas nos capítulos seguintes, com informações e análise mais detalhada, que contribuem para uma melhor compreensão das representações sociais atribuídas às mulheres no século XIX, considerando em seus anos finais a transição entre Império e República.

2.1 A NOVA HISTÓRIA CULTURAL E A REPRESENTAÇÃO

A História da Educação sob a perspectiva dos *Annales*, já no século XX, principalmente a partir de 1929, experimenta inovações produtivas com a criação de uma revista e, posteriormente, um grupo de pesquisa a ela ligado. Tiveram como seus principais organizadores Marc Bloch e Lucien Febvre (Lopes, 1986).

O movimento dos *Annales*, em sua primeira geração, contou com dois líderes: Lucien Febvre, um especialista no século XVI, e o medievalista Marc Bloch. Embora fossem muito parecidos na maneira de abordar os problemas da história, diferiam bastante em seu comportamento. Febvre, oito anos mais velho, era expansivo, veemente e combativo, com uma tendência a zangar-se quando contrariado por seus colegas; Bloch, ao contrário, era sereno, irônico e lacônico, demonstrando um amor quase inglês por qualificações e juízos reticentes. Apesar, ou por causa dessas diferenças, trabalharam juntos durante vinte anos entre as duas guerras (Burke, 1997, p. 24).

É possível indicar que A Escola dos *Annales* possui relações de influência e certa filiação com a Nova História Cultural. A Escola dos *Annales*, com suas três gerações, estabeleceu as bases para a Nova História Cultural ao romper com a história tradicional e focar em aspectos culturais, mentalidades e a vida cotidiana das pessoas, algo que a Nova História Cultural posteriormente expandiu e aprofundou.

A primeira geração (1929-1949) tem como fundadores Marc Bloch e Lucien Febvre. Eles iniciam criticando a história tradicional, com ênfase na importância de outros tipos de fontes para além dos documentos escritos. A segunda geração (1949-1968) tem como principal nome Fernand Braudel e o desenvolvimento do seu conceito de longa duração. Já na terceira geração (1968-1989) temos nomes como Jacques Le Goff, Pierre Nora e Emmanuel Le Roy Ladurie. É importante mencionar que cada geração trouxe uma nova abordagem para a pesquisa histórica.

Segundo Burke (1997, p. 79) “a terceira geração é a primeira a incluir mulheres, especialmente Christiane Klapisch [...] Arlette Farge; [...] Mona Ozouf e Michelle

Perrot, que escreveu sobre a história do trabalho e a história da mulher”.

Roger Chartier, um historiador francês, é recorrentemente associado como o nome mais representativo da quarta geração da Escola dos Annales, que se desenvolveu após 1980. Seu enfoque de pesquisa é na história do livro, das edições e das práticas de leitura, ele explora como as pessoas interpretam e dão sentido ao mundo ao seu redor, por meio de práticas culturais como a leitura.

A pesquisa se insere no campo da Nova História Cultural, que “tem por principal objeto identificar o modo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler” (Chartier, 1990, p.16). Este autor faz parte de uma geração de intelectuais que procuram compreender os aspectos sociais e históricos do homem pelo viés cultural.

Segundo Nascimento (2018, p. 189), ele se dedica a evolução do livro, experiências de leitura e proliferação do universo textual, “[...] suas obras seguem direcionadas por três segmentos principais - representação, prática e apropriação, não é a favor de uma definição puramente semântica do texto por acreditar que a relação entre produção e recepção, são interdependentes”.

Isso aponta para a ideia de que o texto é produto da leitura e a sua interpretação por parte dos leitores auxiliam na construção dos sentidos.

O termo "representação", na perspectiva de Roger Chartier (1990), possui um papel fundamental na análise histórica da cultura escrita, da leitura e da construção das identidades sociais. Para o historiador, a representação não deve ser compreendida como um simples reflexo da realidade, mas sim como uma construção simbólica e social que dá forma e sentido ao mundo. Ou seja, as representações são formas de perceber, pensar e organizar a realidade e, por isso, fazem parte do próprio processo de constituição das práticas sociais e dos sujeitos.

Na obra *A História Cultural: entre práticas e representações* (1990), Chartier afirma que as representações são definidas a partir das práticas sociais e devem ser analisadas em seu contexto de produção, circulação e recepção. Para ele, as representações não são universais ou estáticas, mas sim históricas, casuais e disputadas, que circulam por meio de textos, imagens, discursos e objetos, e são apropriadas de diferentes formas e por diferentes grupos sociais. Assim, falar sobre representações envolve compreender como elas moldam as vivências e os modos de pensar em diferentes épocas e contextos.

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (Chartier, 1990 p. 17).

É preciso pensar a leitura não apenas como uma operação intelectual abstrata, mas como uma inscrição dentro de um espaço, que implica se situar no processo, bem como, situar os demais.

A leitura não é somente uma operação abstrata de inteligência; ela é engajamento do corpo, inscrição num espaço, relação consigo e com os outros. Eis por que deve-se voltar a atenção particularmente para as maneiras de ler que desapareceram em nosso mundo contemporâneo. Por exemplo, a leitura em voz alta, em sua dupla função: comunicar o texto aos que não o sabem decifrar, mas também cimentar as formas de sociabilidade imbricadas igualmente em símbolos de privacidade - a intimidade familiar, a convivência mundana, a convivência letrada. Uma história da Leitura, não deve, pois, limitar-se à genealogia única de nossa maneira contemporânea de ler em silêncio e com os olhos. Ela tem, também e sobretudo, a tarefa de encontrar os gestos esquecidos, os hábitos desaparecidos. Essa iniciativa é muito importante, pois revela além da distante estranheza de práticas antigamente comuns, estruturas específicas de textos compostos para usos que não são mais os mesmos dos leitores de hoje (Chartier, 1999, p. 16-17).

Neste sentido, a leitura, conforme argumenta Chartier (1990), deve ser compreendida não como um ato de recepção passiva, mas como uma prática ativa e criativa, sendo que os leitores, ao interagirem com os textos, reconstróem seus sentidos, podendo inclusive subvertê-los ou ressignificá-los, a partir de suas próprias experiências.

Para Chartier (1990), os documentos não constituem meros repositórios objetivos de informações do passado, mas são produtos de práticas culturais específicas, impregnados pelas representações e disputas próprias do seu tempo. Sob essa perspectiva, a análise documental, enquanto técnica de pesquisa historiográfica adquire uma amplitude interpretativa mais complexa, exigindo não apenas a leitura do conteúdo textual, mas também a consideração das condições materiais de produção e circulação desses documentos - como os suportes utilizados, as escolhas editoriais e os modos de leitura aos quais foram submetidos.

As práticas de leitura não podem, segundo esta perspectiva, ser compreendidas como fenômenos puramente individuais ou naturais, mas devem ser consideradas como construções históricas. O ato de ler, conforme sublinha Chartier (1999, p. 7-8) está implicado em contextos materiais e institucionais, isso indica que o

pesquisador deve ir além da codificação do texto, no sentido de reconstruir os modos de ler, “[...] é pois necessário reconstruir as competências, as técnicas, as convenções, os hábitos, as práticas próprias a cada comunidade de leitores (ou leitoras)”, pois partem deles a significação que o público atribui a um texto.

3 A IMPRENSA FEMININA DO SÉCULO XIX NO BRASIL

O jornalismo teve início em meados do século XVII e, desde então, as mulheres também se envolveram neste trabalho e perceberam a influência da opinião pública gerada pelas informações apresentadas (Souto, 2019).

Em um momento em que o Brasil passa pelo processo de industrialização, começam a se expandir também os comércios e os meios de comunicação entre os sujeitos e os estados. Assim, os veículos de informação foram produzidos a favor da Corte, fazendo com que a imprensa tivesse um papel fundamental nos meios de comunicação e informação nesse período. (Siqueira, 2019).

Barreto (2024) revela a percepção de que a imprensa, no geral, proporcionou a articulação econômica, social e política para a sociedade brasileira oitocentista, quando começou a surgir o jornalismo no país. De maneira específica, aponta que o periódico representou o instrumento de comunicação mais utilizado para a propagação de ideias e pensamentos, assumindo na sociedade um espaço que permitia e incentivava os debates e as formações de opiniões públicas.

No que se refere a relevância da imprensa nas pesquisas científicas, ela:

[...] como importante fonte histórica tem nos presenteado com a possibilidade de resgatar momentos passados do cenário da nossa vida cotidiana. A imprensa registra, comenta, forma opiniões, distrai; através de suas palavras e imagens reencontramos valores e comportamentos perdidos. A consciência dessa riqueza documental fez aumentar a quantidade de estudos que usam a imprensa como suporte; desses olhares, porém, são em menor número os que se voltam a uma modalidade presente desde o início do séc. XIX: a imprensa feminina (Lima, 2007, p. 222).

Segundo Duarte (2017), os jornais e revistas foram os principais espaços de resistência e divulgação da produção letrada feminina. As elaborações dos periódicos femininos tinham duas linhas tênues, uma que apresentava e divulgava discursos com ideias emancipatórias materializadas, como, por exemplo, o jornal *O Sexo Feminino* e outra com ideais referentes a um conservadorismo da época, sendo o caso de *A Palavra*, fonte desta pesquisa.

Em outro momento, Duarte (2018, p. 12) cita que:

A constatação de que a literatura, a imprensa e a consciência feminista surgiram praticamente ao mesmo tempo no Brasil, nas primeiras décadas do século XIX, contribuiu para ampliar a investigação. Quando as primeiras mulheres tiveram acesso ao letramento, imediatamente se apoderaram da

leitura, que por sua vez as levou à escrita e à crítica. E independente de serem poetisas, ficcionistas, jornalistas ou professoras, a leitura lhes deu consciência do estatuto de exceção que ocupavam no universo de mulheres analfabetas, da condição subalterna a que o sexo estava submetido, e propiciou o surgimento de escritos reflexivos e engajados, tal a denúncia e o tom reivindicatório que muitos deles ainda hoje contêm. Mais do que os livros, foram os jornais e revistas os primeiros e principais veículos da produção letrada feminina, que desde o início se configuraram em espaços de aglutinação, divulgação e resistência.

Mesmo que o foco desta pesquisa seja a imprensa feminina, torna-se relevante apresentar a diferença entre imprensa feminista, ambas populares e de grande alcance na época. Para isso, tem-se uma pergunta feita por Souto (2019, p. 24), respondida por ela mesma considerando o período do século XIX: “[...] afinal, qual a diferença entre imprensa feminina e feminista?”.

[...] a imprensa feminina poderia ser fundada e dirigida por pessoas de qualquer gênero. O que caracteriza tal imprensa feminina seria o público-alvo: as mulheres. Em contrapartida, a imprensa feminista era aquela fundada, dirigida e redigida por mulheres; que tinha o discurso voltado, primordialmente, para suas companheiras de gênero e que defendiam pautas de melhoria de vida das mulheres, ou seja, estavam em luta pelos direitos femininos (Souto, 2019, p. 24)

Duarte (2017, p. 98) complementa a citação ao afirmar que os jornais para mulheres são uma espécie de imprensa que se define “[...] pelo sexo de suas consumidoras, pois a elas se dirige e para elas é pensada”, enquanto a imprensa feminista “[...] se diferencia por denunciar a opressão e exigir direitos civis e políticos”. A autora ainda considera que ambas tiveram uma participação significativa na formação intelectual das mulheres e na construção de sua identidade.

Siqueira (2019, p. 22) reflete que:

Parece-nos que durante quase meio século, o universo feminino na imprensa esteve representado, praticamente, pelo universo da moda, literatura e da beleza. Com informações voltadas ao entretenimento, centrando o papel da mulher enquanto esposa, mãe e “rainha do lar”. No entanto, quando as primeiras mulheres passaram a ter acesso ao letramento, acredita-se que imediatamente se apoderaram da leitura que, por sua vez, as levou à escrita, à crítica e lhes deu consciência do lugar que ocupavam e da condição a que estavam submetidas. Essas inquietações favoreceram, aos poucos, o surgimento de uma imprensa reflexiva, engajada e reivindicatória. Foi por meio da imprensa feminina que as mulheres puderam produzir, questionar e resistir.

Neste sentido, é válido ressaltar a diferença de imprensa feminina e imprensa feminista para ampliar a compreensão acerca do conteúdo. Luca (2012) informa que

a imprensa feminina, neste estudo representado pela revista *A Palavra*, caracteriza-se por ser dirigida ao público feminino, mesmo que nem sempre tenha sido produzida por mulheres, “[...] a imprensa feminina orbita em torno dos temas mais perenes, não submetidos à premência do tempo curto do acontecimento” (Luca, 2012, p. 448).

Por sua vez, a imprensa feminista, com suas origens no século XIX, representa um momento de especial relevância na historiografia literária brasileira, quando “[...] surgiram folhas comprometidas com a luta em prol do direito à educação, ao exercício profissional e ao voto, já sobre a batuta de mulheres, caso do pioneiro “Jornal das Senhoras” (Luca, 2012, p. 451).

Apresentada a diferença entre os dois tipos de imprensa, reitera-se que a construção deste trabalho volta-se para a imprensa feminina, pois para a análise, para dar embasamento à revisão bibliográfica desta dissertação, foi selecionado um periódico dirigido ao público feminino.

No entanto, cabe também em alguns momentos do texto abordar questões sobre a imprensa feminista, pois, apesar de um objetivo diferente, ambas foram fundamentais na divulgação sobre o papel social da mulher em suas representações, sendo, assim, relevante nos estudos para compreender a representação feminina.

No fim do século XIX, a imprensa e literatura feminina, bem como a consciência feminista, se ascenderam simultaneamente, de acordo com Souto (2019). Ela ainda afirma que os jornais foram os primeiros meios de expressão e produção feminina, já que os livros vieram tempos depois.

A imprensa feminina concretizou-se no Brasil no período entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Apesar de não possuir especificamente um objeto de interesse da historiografia literária, a escrita feminina foi uma presença constante nos periódicos oitocentistas (Souza, 2012).

Ao apresentar isso, Lima (2007) explica que Dulcília Buitoni, pesquisadora de estudos de gênero, em um de seus livros, ‘Mulher de papel’, fez uma retrospectiva do processo de publicações voltadas para o público feminino, informando que a introdução da imprensa no Brasil foi tardia. A aparição de periódicos femininos se deu “em atitudes de corajoso desafio ao alto grau de analfabetismo da sociedade brasileira, especialmente desse grupo” (Lima, 2007, p. 222).

A escrita dos periódicos dessa imprensa era limitada ao Estado, Igreja e família, o que justificava de forma plausível uma opressão feminina. Por isso, suas publicações eram direcionadas para uma compreensão da importância do cuidado

com a família, tendo em vista a delicadeza de seu comportamento, a fim de reforçar a sua função ou missão divina (Duarte, 2017).

Segundo Lima (2007), essa missão divina envolve também as 'virtudes naturais' e a 'educação moral', que são responsáveis pela construção de uma 'mística feminina', que dizia que "o melhor destino era 'viver a feminilidade', ser 'recatada', 'boa mãe' e 'esposa exemplar', o que restringia o mundo feminino aos limites do lar" (p. 103), fazendo com que outros comunicadores as reproduzissem, sendo contra a ideia de uma emancipação feminina.

A autora aponta que isso justifica um grande número de jornais fundados por padres, médicos e jornalistas, que queriam convencer as mulheres, principalmente as da elite, sobre a importância e cuidados na criação de seus filhos, e que precisavam se tornar mães dedicadas. Nesse sentido, tem-se como exemplo o periódico "A mãe de família" (1879-1888), criado pelo médico Carlos Antônio de Paula Costa, no Rio de Janeiro, com o objetivo de ensinar as mulheres a serem boas mães com base nos estudos da medicina.

Segundo a autora, acerca dos temas sobre a maternidade "não deixa de ser irônico: a maternidade, o fato novo que vai permitir à mulher elevar seu status na sociedade, é o mesmo que vai contribuir para seu afastamento do espaço público" (Lima, 2007, p. 103).

De qualquer forma, Duarte (2017) aponta para a importância do protagonismo feminino dentro das redações, mesmo como colaboradoras de artigos publicados em periódicos direcionados ao próprio público, e também de leitoras, apesar também do acesso restrito a mulheres da elite, considerando também que as revistas e jornais eram pagos.

Duarte (2018, p. 17) cita que "antes que a autoria feminina protagonizasse os próprios periódicos, alguns homens de imprensa, atentos às novidades e às mudanças de costumes, se apressaram em oferecer jornais destinados às leitoras". No entanto, considerando a segunda metade do século XIX, os periódicos da imprensa feminina eram fundados e escritos por homens ou mulheres, dedicados ao público feminino.

Um dos primeiros, configurado como um periódico da imprensa feminina, foi "O Espelho Diamantino", dentre outros, os quais recebiam colaborações de algumas mulheres em seus artigos (Souto, 2019). "O Espelho Diamantino, Periódico de Política, Literatura, Belas Artes, Teatro e Modas, dedicado às Senhoras Brasileiras" -

primeiro título conhecido - circulou no Rio de Janeiro entre os anos de 1827 a 1828, fundado por Pierre Plancher. O editor se posiciona sobre a questão feminina e durante as quatorze edições, o jornal trouxe textos variados sobre literatura, arte e também moda e política.

Também foram periódicos da imprensa feminina o “Correio das Modas” (1839-1840), publicado no Rio de Janeiro pelos irmãos Edward e Heinrich Laemmert, apresentando moda, charadas e crônicas para as mulheres. Em 1831, teve-se “O Espelho das Brasileiras”, de Recife, fundado pelo jornalista Adolphe Emile de Bois-Garin, com o objetivo de instruir moral e politicamente as mulheres, para que tivessem virtudes dignas (Duarte, 2017).

Segundo Ramos (2017, p. 3):

O primeiro jornal fundado e dirigido por uma mulher no território nacional data de 1833. Belona Irada contra os Sectários de Momo foi editado em Porto Alegre, sob a direção de Maria Josefa Barreto – responsável também por Idade D’Ouro (1833), em conjunto com Manuel dos Passos Figueroa – e tinha caráter estritamente político, posicionando-se em favor do Partido Caramuru e contra os Farrapos. Embora a circulação regional e a temática abordada tenham contribuído para a nula repercussão nacional, a existência de tais publicações acena para a participação e reivindicação feminina à voz na cena política. Nesse ensejo, a autora³ lista também A mineira no Rio de Janeiro (1833) e A filha do Timandro ou A brasileira patriota (1849) – ambos dirigidos por mulheres –, nos quais debates sobre a identidade nacional e questões políticas se sobrepuseram às discussões acerca da condição feminina.

Ao longo das pesquisas e discussões, foi notado que a presença das mulheres na direção dos jornais ou mesmo na escrita da redação é bastante relevante, por isso, foi decidido realizar a apresentação de uma figura considerando as regiões de publicação das mulheres citadas ao longo deste capítulo, para dar dimensão da visibilidade nacional e suas localizações geográficas.

³ Ramos refere-se à Constância Lima Duarte

Figura 1 - Localização das escritoras citadas



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Maria Josefa Barreto Pereira Pinto foi poetisa e feminista, e foi responsável pela produção do primeiro jornal fundado por uma mulher no Brasil - “Belona Irada contra os Sectários de Momo”. O jornal, como o nome indica, foi polêmico, era um jornal político, muito diferente dos objetivos do “Jornal das Senhoras”, publicado quase duas décadas após e considerado o modelo inicial para os periódicos feministas do século XIX (Muzart, 2003). Se considerarmos a conjuntura social e política da época da produção jornalística de Maria Josefa Barreto, é indiscutível o pioneirismo de sua obra, bem como a importância de seu papel na constituição do movimento feminista do século XIX.

Muzart (2003) destaca, a partir do exame dos periódicos femininos do século XIX até meados do XX, a criação de uma verdadeira rede de apoio que reunia mulheres do Norte ao Sul. Em seus exemplos, menciona **Delminda Silveira**, poetisa de Florianópolis, a qual publicou no Ceará, em Pelotas, em São Paulo e em outros lugares, inclusive, em artigos da revista *A Palavra*, fonte desta pesquisa.

Ibrantina Cardona, que viveu por anos em Desterro, publicou em Florianópolis, no Rio, no Mato Grosso e em São Paulo. Assim também **Júlia Lopes de Almeida**, que publicou no Brasil todo, dentre outras, como também em um artigo de *A Palavra*.

Pode-se supor que a inspiração política foi um elemento determinante para a participação das mulheres na literatura e imprensa do período analisado. As publicações merecem destaque por sinalizar momentos importantes da participação feminina na discussão sobre a importância do papel da mulher no cenário sócio-político e cultural da época.

Outro jornal dirigido por uma mulher no Brasil foi o "Jornal das Senhoras", sob a iniciativa da argentina **Juana Paula Manso de Noronha**. No editorial do primeiro número, em 1º de janeiro de 1852, Noronha afirmava que sua motivação era a vontade e o desejo de propagar a ilustração, e cooperar com todas as suas forças para que ocorresse um avanço social e para a emancipação moral da mulher (Muzart, 2003).

As temáticas apresentadas no "Jornal das Senhoras" mostram uma ruptura com a imprensa tradicional, na qual a abordagem ao público feminino era restrita a artigos sobre bordados e outros trabalhos manuais, cosméticos e modas, bem como para um foco na centralidade do papel da mulher como esposa e mãe. Os artigos buscavam a criação de um canal para as reivindicações das mulheres e, sobretudo, ser um impulsionador de instrução, de educação e, principalmente, de mudança de atitudes e de ideias.

É possível pressupor, conforme os registros da época, que a imprensa feminista brasileira teria começado a se consolidar a partir das publicações de Juana Manso, que teve suas ideias disseminadas por outras mulheres jornalistas em periódicos por todo o país ao longo do século, como o *O Sexo Feminino*.

Do Nordeste, surgiu um grande número de artigos sobre as inquietações das mulheres acerca da condição feminina e também do momento político nacional. As mulheres nordestinas escreveram muitos artigos, poemas, contos sobre a questão da abolição da escravatura, visando sempre a uma maior participação nas áreas da educação, da profissionalização e da política (Muzart, 2003).

Para Muzart (2003), a literatura feminina no Brasil ganhou maior visibilidade somente nos primeiros anos do século XX. Mesmo com muitas produções, as escritoras ficaram excluídas da historiografia literária, mas, curiosamente, a literatura feminina foi presença constante nos periódicos do século XIX, tanto nos dirigidos por homens quanto por criados e mantidos por elas.

Nascimento (2004) afirma que os jornais femininos garantiram um espaço social e público que propiciou a afirmação das mulheres como sujeitos de direitos. Da mesma forma, gerou a reflexão sobre a singularidade da condição feminina sob um discurso político, a partir dos posicionamentos sobre as representações culturais da identidade feminina na sociedade brasileira do século XIX.

Portanto, neste trabalho será possível identificar os discursos referentes às mulheres apresentados em uma revista do século XIX tomada como fonte de pesquisa dentro da imprensa feminina. Considerando a estrutura patriarcal e os aspectos culturais e religiosos do período, será interessante perceber também as intenções de seus escritos.

Para Nascimento (2004, p. 13):

O meio impresso configurar-se-ia, sobretudo nos Oitocentos – momento em que publicações periódicas ganhavam um dimensionamento diferenciado – em importante recurso na constituição feminina. Assim, considera-se a dimensão discursiva como um dos importantes elementos na conformação de lugares sociais. Tal assertiva ganha dimensões mais relevantes se considerarmos que os periódicos do século XIX estabeleciam-se em publicações afeitas à profusão de ideias, opiniões, com identificação muito colada às de suas redatoras [...] Tendo como foco a constituição de um campo específico de atuação da mulher, por intermédio da centralidade na dimensão discursiva sobre/da mulher, há como contraponto a limitada materialidade autorizada pelo jornal.

Nesse sentido, entende-se que a produção literária da época apresentava uma variação de significados que precisavam ser trabalhados, considerando uma análise mais apurada do contexto social em que circulavam.

Souto (2019) afirma que, atualmente, o resgate desta temática como linha de pesquisa nas universidades é uma das mais significativas expressões nos estudos culturais e permite que obras e nomes sejam recuperados e novas páginas sejam escritas na história da cultura brasileira.

Por isso, este trabalho justifica-se a partir da intencionalidade de analisar a imprensa como um veículo de informação importante no século XIX e, considerando o papel social feminino do período, perceber como a revista tomada como fonte

representava as mulheres nas temáticas referentes a elas nas publicações.

Knapp (2021) considera que a história das mulheres contadas pelos jornais revelou curiosidades interessantes a respeito da dominação do universo patriarcal em relação à neutralização da postura feminina no ambiente público. A dualidade na posição da mulher em frequentar escolas, publicar textos, aconteceu, ampliando o acesso das mesmas à educação e à esfera pública.

Com o passar dos anos, no Brasil, a participação das mulheres, tanto na imprensa como na publicação de obras literárias foi se consolidando. Figuras invisibilizadas do século XIX, que tiveram uma expressão extremamente relevante na consolidação dos direitos das mulheres, principalmente no que se refere à imprensa feminina e feminista.

Tendo isso em vista, é possível perceber o quão significativo é o estudo da imprensa feminina e feminista do século XIX, dando brilho aos escritos esquecidos e inovadores dessas figuras tão importantes da historiografia literária brasileira.

Nascimento (2004) toma como referência o semanário *O Sexo Feminino* (1873/1874), da cidade de Campanha, Minas Gerais. Considerado um dos primeiros jornais no Brasil escrito pela e para a mulher, representa também o avanço do movimento feminista em Minas Gerais e no Brasil, no final do século XIX.

A principal função do jornal *O Sexo Feminino* era informar, assim como divulgar uma nova maneira de enxergar as funções atribuídas para as mulheres. O surgimento da imprensa feminina, dando atenção à luta pelos direitos do universo feminino, foi de grande importância, considerando o fato de as publicações batalharem por mudanças na forma de tratar as mulheres (Barreto, 2024, p. 50).

Barreto (2024) menciona que no Brasil, a imprensa foi de grande importância para que as mulheres divulgassem os anseios e as lutas em busca da igualdade de direitos. Nesse sentido, o semanário *O Sexo Feminino* como porta-voz de opiniões das mulheres da época, tinha como objetivo fazer circular um modelo diferente de ser mulher, rompendo com o tradicional. A autora ainda afirma que uma das características mais marcantes do jornal é o confronto a outras revistas da época, especialmente em relação aos discursos que destacavam a submissão da mulher à figura masculina e ao papel de dona de casa, mãe e esposa.

No que diz respeito aos escritos femininos, Lima (2007, p. 223) informa que:

O final do século XIX assistiu a várias outras publicações femininas: O Domingo, de responsabilidade de Violante Atabalipa de Bivar e Velasco (Rio de Janeiro, 1874); o Echo das Damas, lançada por **Amélia Carolina da Silva Couto** (Rio de Janeiro, 1879); A Família, editada por Josefina Álvares de Azevedo (Rio de Janeiro, 1889). Em Minas Gerais, a partir de 1873, começou a circular O Sexo Feminino, dirigido por **Francisca Senhorinha Motta Diniz**.

Nas páginas do jornal “O Domingo”, eram apresentados textos literários e biografias de mulheres destacadas na sociedade, com o intuito de incentivar o público-alvo feminino a buscar a emancipação e a lutar pelos direitos. Já o jornal “Echo das Damas” apresentava temas em defesa da educação para as mulheres, a valorização em seu ambiente familiar e o processo emancipatório financeiro da mulher. Eram recorrentes as críticas aos costumes da época, a reivindicação ao voto, o compartilhamento de poesias escritas para e por mulher e as conquistas da figura feminina em trabalhos considerados masculinos (Barreto, 2024).

Sobre **Josefina Álvares de Azevedo**, Muzart (2003) aponta que o jornal “A Família” foi fundado em São Paulo, em 1888, e posteriormente transferido para o Rio, onde contou com a colaboração de escritoras feministas, circulando por quase dez anos, de 1888 a 1897. Neste periódico, Josefina publicou uma série de artigos sobre o sufrágio, reivindicando a igualdade prometida pela República, recém-implantada. Foi considerado uma das publicações mais combativas na defesa de direitos e na participação mais ampla das mulheres na sociedade, sobretudo pelo foco na militância no voto feminino.

Em contrapartida, na imprensa feminina “A Perola” (1895-1896), de Minas Gerais, sob fundação de Acrísio Diniz, seguia os padrões conservadores da época, desconsiderando uma emancipação feminina e apresentando a mulher como frágil e delicada. Também “Ave Maria” (1898), publicado em São Paulo, sem a identificação do fundador(a), como aponta o próprio nome, envolvia moralismo e religião para instruir as meninas de forma digna (Duarte, 2017).

Duarte (2017), pontua a importância de observar alguns títulos dos primeiros periódicos a serem produzidos, pois denunciam a estrutura patriarcal dominante. Os termos “Mentor, Farol, Manual, Despertador ou Espelho, eles se colocam acima das mulheres e como guias responsáveis pela mudança de seu status quo” (Duarte, 2017, p. 21). A autora ainda destaca que, no período, visualmente, as revistas e jornais eram parecidos, diferenciando-se mais pela diversidade dos conteúdos apresentados.

Segundo Duarte (2017, p. 99), outros títulos também podem ser considerados:

Muitos trazem nomes de flores (como Tulipa, Lírio, Violeta); ou de pequenas aves e insetos (Colibri, Beija-Flor, Borboleta) ou se referem a objetos identificados ao público que se destinavam (Leque, Grinalda, Brinco). Foram muitos os Espelhos: das Belas, das Brasileiras, Fluminense [...]. E muitos os Jornais: das Moças, das Senhoras, das Damas... Mas alguns romperam os estereótipos - como Repúblicas das Moças, Escrínio, O Porvir, Ave Libertas e A Mensageira - e surpreendem ainda hoje pelo cuidado editorial e o teor das mensagens que divulgam.

Seguindo alguns desses títulos, além dos que já foram citados, tem-se “A Borboleta” (1888), de Teresina, sem identificação do autor(a), que apresentava as mulheres como ser divino, inocente, frágil e idealizado pela sociedade. Também “O Leque” (1897), publicado em Minas Gerais, dos redatores Silvino Viana e Jefferson Araújo, servia para a instrução e recreio das mulheres, apresentando a mulher como um ser divino e objeto de desejo dos homens.

Duarte (2017) em seu livro *Imprensa feminista e feminina no Brasil, século XIX* - dicionário ilustrado, ela aponta que os jornais foram os primeiros e principais veículos da produção letrada feminina, configurando-se em espaço de publicidade, integração e resistência.

Sobre o importante trabalho desenvolvido por Duarte (2017), na apresentação de 143 títulos de revistas e jornais que circularam no século XIX, Ramos (2017, p. 2) informa que:

Os periódicos arrolados surpreendem pela larga amplitude alcançada no território nacional, compreendendo publicações de norte a sul do país, o que demonstra que “esta imprensa tensionou a opinião pública não só no centro, como também nas periferias” (Duarte, 2017, p. 18). A heterogeneidade destes impressos revela, por sua vez, a maior complexidade que a sociedade brasileira foi adquirindo ao longo daquele século, no qual se encontravam periódicos assumidamente feministas ou conservadores, os que se limitavam ao passatempo, os que visavam certos segmentos e os que se dedicavam a temas específicos como política, educação, literatura, moda e humor.

Knapp e Porto (2023), ao escreverem e refletirem sobre a escrita na imprensa feminista no século XIX, destacam, dentre os periódicos que defendiam a causa feminista, a revista “A Mensageira”, que circulou em São Paulo entre os anos de 1897 e 1900, dirigido por **Presciliana Duarte de Almeida**.

Sobre esta publicação, Knapp (2021, p. 173-174) explica que:

No primeiro ano foi publicada quinzenalmente. A partir de 1899, passou a ser mensal e contou com 36 edições. Seu conteúdo foram textos em prosa ou verso tendo como primordial objetivo a divulgação de artigos que se preocupavam com a posição da mulher na sociedade. [...] As colaboradoras da revista *A mensageira* foram 33 mulheres chamadas de mensageiras, dentre elas estavam: Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), Maria Clara da

Cunha Santos (1866-1911), Julieta de Mello Monteiro (1855-1928) e sua irmã Revocata Heloísa de Mello (1853-1944), Áurea Pires (1876-1949), Myrthes de Campos ((1875-?), uma das primeiras mulheres a advogar no Brasil), entre tantos outros nomes.

Mesmo sendo um periódico composto em sua maioria por escritos de autoria feminina, eram também apresentados textos de autoria masculina. A revista se diferenciava de outras publicações da época, no Brasil, por divulgar a emancipação feminina, ao contrário de outros escritos que apresentavam, por exemplo, moda e receitas, segundo Duarte (2017). Ao levar informações aos lares das brasileiras com suas ideias revolucionárias, a revista tinha como objetivo maior lutar pela igualdade entre homens e mulheres, pelo direito ao voto e à educação, o que ainda hoje repercute de maneira positiva na sociedade brasileira.

Ferreira (2022) informa em sua pesquisa que *A Palavra*, produção que compõem a presente análise, circulou semanalmente aos sábados, entre os anos de 1889 a 1898. Até 1891, a revista circulou em Pão de Açúcar- AL, e entre os anos de 1892 a 1898, continuou a ser publicada em Penedo, também no estado de Alagoas. A revista pode ser identificada como integrante da imprensa feminina de Alagoas.

A publicação esteve a cargo de Achilles Mello, jornalista, major, deputado estadual e fabricante de preparados medicinais. Era também o proprietário da tipografia “O Trabalho” (Ferreira, 2022). Ao longo das 41 publicações da revista disponíveis, é recorrente a temática sobre o papel social da mulher e seu comportamento, a exemplo de publicações referentes à instrução e comportamento, até a indicação de roupas ideais a serem usadas nos diferentes contextos sociais (Santos, 2022).

De forma geral, neste capítulo foi apresentado e discutido sobre a imprensa feminina e feminista no século XIX, percebendo a sua diferença a partir de algumas definições, bem como em informações acerca do periódico a ser analisado nesta pesquisa, *A Palavra*, configurada como uma revista da imprensa feminina.

Além disso, foi possível perceber também suas definições nos jornais e revistas citados ao longo do texto. Por isso, para melhor visualização dessas configurações, foi organizada uma linha do tempo com esses periódicos, mostrando seu título, os fundadores, bem como sua definição referente a imprensa feminina e feminista, para uma comparação entre eles.

Na linha do tempo, é interessante perceber que o número de impressos femininos e feministas eram variados e suas publicações eram frequentes, sendo de

grande relevância, já que os periódicos eram uma forte ferramenta de informação no século XIX, independente de sua perspectiva. Além disso, nota-se também a diferença entre os títulos dos periódicos da imprensa feminina e feminista em seus termos, comentados anteriormente neste capítulo.

Figura 2 - Linha do tempo dos periódicos citados



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Tem-se então a imprensa feminina com periódicos dedicados às mulheres, geralmente dirigido por homens, refletindo os padrões sociais e costumes da época, bem como fortalecendo os discursos acerca do comportamento feminino e do que a sociedade esperava delas. Diferente da imprensa feminista, que são periódicos exclusivamente dirigidos por mulheres e possuem discursos que visam uma emancipação das mulheres na vida pública e privada, reforçando a necessidade da luta por seus direitos.

Posto isso, após as definições e apresentação da imprensa feminina, para melhor compreensão de discursos veiculados na revista *A Palavra*, a ser analisada, torna-se essencial também o olhar para a figura feminina e sua condição, percebendo o seu papel social em meio a conjuntura do Brasil no século XIX. Dessa forma, o subcapítulo seguinte se propõe a essa discussão.

3.1 A MULHER NO BRASIL DO SÉCULO XIX

Os anos finais do século XIX no Brasil foram marcados por grandes transformações no meio político e social. Teve-se o fim do Império, que durou de 1822 a 1889, ano em que foi proclamada a República no país no dia 15 de novembro. Isso gerou uma nova estrutura de poder e um novo olhar para a sociedade e seus sujeitos, inclusive para a mulher, que, apesar dos padrões sociais enraizados sobre a sua vida pública, se deparou com a necessidade de novos ideais e uma necessidade de uma instrução mais formal (Costa, 2010).

Diante da necessidade de pertencimento a uma família, em moldes do sistema patriarcal vigente, bem como das relações entre os povos, teve-se a constituição e estruturação da sociedade brasileira. “A autoridade, imposta institucionalmente pelo homem sobre as mulheres e os filhos no âmbito familiar atingia todas as outras formas de organização social” (Siqueira, 2019, p. 18).

Segundo Siqueira (2019), isso era importante para a compreensão de como se configurava a estrutura familiar oitocentista. A família brasileira possuía uma grande influência religiosa do catolicismo, o que colaborava para a propagação dos padrões morais impostos de viés conservadores.

De modo geral, o papel da mulher brasileira nesse período, como destaca Cunha (2014), era bastante relacionado aos trabalhos domésticos seguindo o padrão de uma sociedade patriarcal e religiosa da época. Os homens eram preparados para

o trabalho público e para uma responsabilidade financeira, sem a necessidade de se preocupar com afazeres domésticos, enquanto a mulher era preparada para o cuidado do lar e da família, para o casamento, devendo ser uma boa esposa e mãe, submissa ao homem. “A imagem da mulher era formada por seus comportamentos e também por sua aparência” (Azevedo, 2016, p. 28).

Antes de chegar nos anos finais, que é o foco de análise desta pesquisa, vale recapitular alguns acontecimentos do século XIX, como a chegada da Família Real e a regulamentação de uma lei geral de ensino, as quais influenciaram para algumas transformações ao longo do século na vida da sociedade, mais especificamente, das mulheres.

Com a chegada da Família Real em 1808, houve um aumento populacional e a ocupação de novos territórios, juntos a uma política de ‘higienização’ do Rio de Janeiro e suas regiões, ou seja, uma tentativa de mudar os hábitos e valores da sociedade, considerada inferior.

Este acontecimento também gerou investimento e novas construções em diversos âmbitos, como da indústria, educação, saúde e cultura, dando início a um “novo” desenvolvimento para a modernização de suas diferentes formas de produção. Também foi um período bastante agitado publicamente, “modificando os costumes de homens e, principalmente, mulheres, que passaram a desfrutar um pouco do espaço social ao participar de chás, teatros, encontros de famílias, bailes, entre outras atividades” (Siqueira, 2019, p.13).

Siqueira (2019) aponta que a presença da Família Real, bem como a expansão do capitalismo, geraram algumas oportunidades para a instrução feminina, apesar de condições adversas. Então, as mulheres poderiam se instruir como, de fato, educandas, e não como freiras.

Porém, a autora ainda conta que o ensino era limitado às atividades de bordado, costura, aritmética e religião, questão essa que foi apresentada na primeira Constituição brasileira, em 1823, mas, que no ano seguinte, em 1824, foi reformulada pelo Imperador, que considerava de forma ampla que a instrução primária seria gratuita para toda a população, o que não aconteceu de fato como pode-se perceber nas informações a seguir.

Ainda no período imperial, em 1827, foi promulgada a primeira lei geral de ensino primário, a qual defendia a instrução feminina, porém, mantinha as diferenças entre as disciplinas ofertadas para os meninos, sem o ensino de geometria e

aritmética, por exemplo. Para Siqueira (2019), isso era apenas um reflexo do ideal de que a mulher era socialmente diferente do homem, sendo assim, não era necessário um conhecimento científico amplo.

Esta mesma lei, em questões trabalhistas, apresentava a garantia dos salários para homens e mulheres, no entanto, elas não poderiam dominar qualquer disciplina, considerando sua restrição, o que se contradiz, pois isso fazia com que sua remuneração fosse inferior (Siqueira, 2019).

Com a nova república e seus ideais, a mulher passou a ter novas cobranças sobre seu comportamento, inclusive para as que faziam parte da elite, ou seja, que vinham de uma família burguesa. Elas seriam responsáveis por transformações dos novos hábitos e costumes da nova ordem “respaldada agora pela ciência, que despontava no país e por isso mesmo surgia, nesse novo ordenamento, medidas sanitárias que exigiam igualmente a higienização das casas e das ruas” (Lobato, 2015, p. 3).

Como aponta Azevedo (2016, p. 18):

Os estudos sobre a mulher, especialmente a mulher no Brasil mostram, em primeiro momento, seu lugar acessório na sociedade segundo a cultura dominante. Nesse sentido, a exigência social que vigorava no Brasil republicano era a de que a mulher deveria estar confinada ao âmbito da casa, executando-se o cumprimento de obrigações como frequentar a Igreja ou comprar roupas.

A autora ainda aponta que a figura feminina retratada na República não era apenas de uma uniformidade social, natural e biológica, nem por acaso. No período concretizou e repercutiu-se também a teoria positivista, que definia a mulher como base da sociedade. Sendo assim, ela deveria seguir as suas funções propostas, de modo a organizar e manter a família. Esse era o caminho para uma ‘sociedade perfeita’, já que a teoria apresentava os ideais femininos em uma perspectiva científica, considerando algo necessário para a evolução, já que a família era fundamental para a organização da sociedade (Azevedo, 2016, p. 38).

Segundo o positivismo importa, portanto, a imposição de uma divisão do trabalho como indicador de progresso. A análise ‘estática’ da sociedade junto às ‘contribuições’ da frenologia indicam a inferioridade feminina, o bastante para justificar a continuidade e o aperfeiçoamento da divisão das ‘funções sociais’ sexuais na modernidade (Azevedo, 2016, p. 39).

Como a mulher era considerada um exemplo de moral, cabiam a elas as tarefas que refletiam para um bem-estar social, principalmente na maternidade. Lobato (2015) explica que, apesar de novos espaços sociais, como os bailes, que poderiam ser frequentados por mulheres da elite, a prioridade para elas deveria ser o cuidado e bem-estar da família, sobretudo de crianças que precisavam ser instruídas seguindo as regras cívicas, sendo as mães responsáveis pela educação.

Não existia, sob essa ótica, uma igualdade entre homens e mulheres, pois elas eram importantes exclusivamente para a formação da sociedade e seu espaço continuava a ser no ambiente privado. Com isso, havia a justificativa de sua falta de competência para os negócios e para a política, pois a mulher seria mais sentimental do que racional (Vaquinhas, 1997).

Vaquinhas (1997) explica que além de não possuir direitos políticos garantidos, às mulheres eram proibidas de realizar a administração de seus bens ou de sua família, a não ser que tivesse a permissão do homem responsável pela família. Vale ressaltar que neste período era comum os casamentos arranjados, envolvendo uma questão financeira entre as famílias dos noivos. Ou seja, esses casamentos aconteciam exclusivamente por interesse, pois, após a firmação, os homens se tornavam responsáveis pela administração do dinheiro, enquanto as esposas não tinham esse direito, além de que muitas não tinham conhecimento sobre tal organização financeira (Siqueira, 2019).

A autora ainda cita que a mulher casada, precisava da autorização do marido para tudo e que diante da lei, ela “não passava de uma menor: não podia ser testemunha, contrair dívidas, assinar um contrato, escrever para público e publicar livros ou exercer uma profissão” (Vaquinhas, 1997, p. 41).

Ao apresentar *O Livro das Noivas* (1896) de Júlia Lopes de Almeida, Lobato (2015), aponta que nesse escrito a autora aborda a questão do papel e do lugar social da mulher brasileira e discute sobre as expectativas sociais do casamento e da educação. A obra se configura como um manual de regras instrutivas, considerando valores e princípios acerca do comportamento feminino de acordo com os valores que eram considerados adequados socialmente para a mulher casada ou noiva (Lobato, 2015).

Esse tipo de manual era comum e servia como padrão de comportamento, especialmente para as mulheres. Nesse sentido, Priore (2020) apresenta o *Código do bom-tom*, de Roquette, outro manual de instrução que se referia mais ao público

feminino do período, citando a necessidade das mulheres serem obedientes e respeitadas para que não tivessem atitudes vergonhosas e inconvenientes.

Percebe-se que a diferença entre a educação que era destinada para o homem e para a mulher, segundo Cunha (2014), era bastante reforçada, considerando que até mesmo nas escolas femininas, frequentadas na época apenas por meninas da elite, era ensinado para elas atividades ligadas ao meio doméstico como costura e bordados.

Duarte (2017, p. 25) explica que isso respeitava as diferenças morais e biológicas daquele tempo, então:

Aos homens, uma educação que os preparasse para o mundo do trabalho; às mulheres bastava a 'educação da agulha', saber se comportar e atuar dentro de casa. Numa formação mais sofisticada, a jovem aprendia francês, música, pintura, as quatro operações, e ainda etiqueta, catecismo, culinária e princípios morais, o suficiente para formar a mulher que o discurso senhorial prescrevia: educada, meiga e acomodada.

Considerando isso, naquele cotidiano era frequentemente ensinado e apresentado às meninas qual era o seu papel na sociedade e que para ocupá-lo, não era necessário aprender mais do que o básico ou dominar outros tipos de conhecimento.

A necessidade de uma melhor educação para a mulher, bem como inserir a mesma no mercado de trabalho ocorreu devido a mudanças sociais e econômicas. Tal necessidade de instrução, o aumento de mão-de-obra e do comércio decorrentes da expansão do capitalismo vigente, fazem com que a mulher possa realizar estas tarefas e ter um novo olhar para a própria vida (Cunha, 2014).

Segundo Cunha (2014), a educação feminina teve um avanço em decorrência de tais movimentos nesse período, porém, como apresentado era uma educação diferente do que os meninos recebiam, já que elas continuavam aprendendo sobre prendas domésticas. Apesar disso, foi um grande passo no caminho para a sua participação nos espaços públicos.

Quanto à inserção no mercado de trabalho, Cunha (2014) aponta que ela exigia menos conhecimento e qualificação, com uma remuneração muito inferior às dos homens, ou seja, houve a ocupação das mulheres no ambiente de trabalho, mas em diferentes condições e desproporcional se comparado ao trabalho masculino. No entanto, é mais um marco para a participação social da mulher na esfera pública, o

que parecia impossível no início do século (Vaquinhas, 1997).

Nesse sentido, Siqueira (2019) reforça que essa inserção no mercado de trabalho, aconteceu exclusivamente a partir de reivindicações sociais, mas também pela necessidade dos proprietários de empresas obterem mais lucro, já que a força de trabalho feminina era inferior e explorada. A autora ainda aponta que, diante disso, alguns homens se sentiram ameaçados em perder seus empregos, já que as mulheres poderiam substituí-los dentro dos moldes capitalistas de produção e preocupação financeira.

Azevedo (2016) afirma que não era qualquer mulher que estava nesse meio de inserção e exploração no trabalho em fábricas, que geralmente exigiam trabalhos manuais, como tecelagem. Considerando a organização social, qualquer mulher que estivesse trabalhando de alguma forma era julgada, já que o lugar delas era em casa, com sua vida privada.

Desse modo, eram as mulheres pobres que se submetiam a tais situações, pois não eram incluídas no sistema educacional, além da necessidade de contribuir com a renda familiar, visto que muitas vezes também, elas dependiam da permissão do homem responsável pela família para que entrasse no mercado de trabalho (Siqueira, 2019).

Outra forma de inserção social para a mulher aconteceu com atividades filantrópicas, com cuidados realizados em orfanatos e hospitais, por exemplo. Isso permitia que ela tivesse um compromisso social, para além de fazer compras. Também era uma situação em que não era obrigatório a presença de um homem de sua família, já que essas atividades aconteciam junto a outras mulheres. Mais uma vez, mesmo sendo uma tarefa ligada ao cuidado, justificado pela paciência feminina, a mulher poderia atuar fora de casa (Azevedo, 2016.)

Tanto a maior inserção no meio educacional quanto no profissional, conseqüentemente geraram uma autonomia e participação na sociedade. Isso também influenciou no trabalho de mulheres como jornalistas, escritoras e colaboradoras de jornais e revistas, com escritos sobre diversos temas. Luca (2004) informa que mesmo reproduzindo muitas vezes os valores conservadores da época, a imprensa foi uma ferramenta fundamental para a constituição de uma intelectualidade feminina, bem como para uma construção de sua identidade.

Vale ressaltar que, no final do século XIX, uma pequena parcela de mulheres brasileiras eram alfabetizadas, pois as ideias de um sistema patriarcal não

consideravam a instrução feminina necessária. Como apresenta Duarte (2017, p. 24):

O Censo de 1872, o primeiro realizado no país, contém dados interessantes. O Brasil tinha 81,43% da sua população livre analfabeta; e apenas 19,85% entre os homens e 11,5% entre as mulheres eram alfabetizados. Dentre os escravos, menos de 1% sabia ler e escrever, a maioria residente na corte. A população contava com 9.930.478 habitantes, sendo 5.123.869 homens e 4.806.609 mulheres.

A autora afirma ainda que isso revela que os jornais e revistas, nesse período eram destinados a poucas leitoras, como já apresentado, para as mulheres da elite que já tinham começado também a ter acesso a diferentes espaços públicos como saraus e teatros, pois, até então, esses espaços eram reservados exclusivamente para homens.

É possível perceber que apesar de mudanças significativas no meio político, os direitos civis e políticos das mulheres permaneceram limitados. Segundo Costa (2010), a exclusão das mulheres de uma participação ativa na política foi uma das marcas da Primeira República. A cidadania republicana se estabeleceu de maneira excludente, principalmente no que se refere às mulheres e a população marginalizada, comprovando a continuidade do poder masculino e elitista.

Os discursos e o modelo do que era feminino era sustentado por ideais de submissão e pureza, tanto no ambiente familiar, escolar e religioso. Na criação, desde crianças em formação, os caminhos ensinados para meninos e meninas eram diferentes: “a formação de uma mãe e esposa de um lado e a formação de um homem livre e explorador de outro” (Azevedo, 2016, p. 20). A mulher ideal era aquela que permanecia no ambiente privado, se dedicando aos cuidados do lar e da família.

A sociedade exigia e pressionava as mulheres para manterem o pudor e a castidade. Qualquer desvio de regra e moral vindo delas, considerando os ideais da época, se tornava uma vergonha e desonra para a família, como, por exemplo, o adultério, gravidez antes do casamento e sua sexualidade.

Segundo Siqueira (2019, p. 18), o controle sobre a vida da mulher que estava, em grande parte, ligado à moral religiosa sob os cuidados dos pais e maridos, “era exercido por meio da vigilância de seus comportamentos, de suas roupas, cabelos e até mesmo do acesso à instrução”. Os ideais católicos estavam de acordo quanto ao lugar, a representação e o papel da mulher na sociedade (Azevedo, 2016).

Com a ascensão de uma classe média social, cresceu também a circulação de impressos nas cidades, o que de forma lenta, segundo Louro (1997), abriu espaço para que algumas mulheres acessassem espaços de formação intelectual, como, por exemplo em escolas normais, que se tornaram lugar de formação para as mulheres que seguiram para o magistério, uma das poucas profissões que começou a ser socialmente aceita para elas, pois:

Já que se entende que o casamento e a maternidade, tarefas femininas fundamentais, constituem a verdadeira carreira das mulheres, qualquer atividade profissional será considerada como um desvio dessas funções sociais, a menos que possa ser representada de forma a se ajustar a elas. Em seu processo de feminização, o magistério precisa, pois, tomar de empréstimo atributos que são tradicionalmente associados às mulheres, como o amor, a sensibilidade, o cuidado, etc. para que possa ser reconhecido como uma profissão admissível ou conveniente (Louro, 1997, p. 96).

Dessa forma, para a autora, isso aconteceu, pois, ser professora seria uma extensão de “ser mãe”, ou seja, a mulher foi inserida ao mundo do trabalho, porém, seguindo um valor tradicional estabelecido para o sexo feminino.

Ou seja, no início do período republicano a mulher conseguiu se inserir em espaços públicos e atividades profissionais, porém, desempenhando funções de cuidado e afeto, sendo assim, professoras, o que limitava a sua educação formal “visando a evolução social a partir da servidão feminina” (Azevedo, 2016, p. 50).

Com a abolição da escravatura em 1888 e a proclamação da República em 1889, outras questões referentes vieram à tona. As mulheres negras, libertas ou descendentes dos que foram escravizados, tiveram a sua vida marginalizadas da modernização política. Os discursos voltados à mulher ideal eram referentes a mulher branca e letrada (Amoras; Costa; Araújo, 2021).

Portanto, as mesmas autoras ainda explicam que o controle sobre o corpo e o comportamento da mulher perpetuava hierarquias raciais, de classe, para além do gênero. As ideias de progresso do período republicano inicial não envolvia toda a população feminina, tendo ainda um parcela que permanecia excluída de direitos básicos. Assim, as condições das mulheres pioravam quando consideradas também as questões de classe social, econômica e racial.

Diante desse cenário, é possível considerar a representação da mulher pelos periódicos nesse período sob dois pontos de vista. Um refletia o sistema patriarcal e conservador que buscava manter as mulheres no lugar privado, doméstico e moral. O

outro, apresentava possibilidades, mesmo que limitadas, de um protagonismo feminino, principalmente por meio da educação e da imprensa.

Nos periódicos voltados ao público feminino, essa questão entre tradição e modernidade também apareciam. Enquanto a imprensa feminina reproduzia os padrões da mulher virtuosa, pura e obediente, outros escritos, principalmente da imprensa feminista, apresentava a necessidade da educação e emancipação. Nesse sentido, a imprensa da época foi uma ferramenta simbólica para perceber a construção social do papel da mulher no final do século XIX, revelando aspectos de dominação e também de resistência por escritoras e leitoras (Luca, 2004).

Assim, é possível perceber que no final do século XIX, a mulher ocupava um lugar social construído por discursos normativos que giravam em torno da moral religiosa, interesses políticos e educacionais. Como aponta Priore (2020), a sociedade brasileira oitocentista inventou um ideal feminino marcado pela pureza, castidade e obediência, valores que sustentavam a estrutura patriarcal vigente, tendo esse modelo reforçado em diferentes âmbitos e delimitando o seu espaço.

É na ideia de permanência de um padrão social da mulher que envolve a análise deste trabalho. A análise de jornais e revistas publicados no século XIX permite compreender como os discursos sobre a mulher foram apresentados para sustentar a ordem social vigente, sendo possível identificar como a imprensa contribuiu para moldar, reforçar ou talvez questionar os sentidos atribuídos ao papel da mulher na sociedade brasileira oitocentista.

Os acontecimentos ocorridos durante o século XIX são essenciais para a compreensão de mudanças sociais que definiram a formação do núcleo familiar, bem como definiram a mulher e a sua função. As mudanças políticas e econômicas no fim do século, com a transição do período imperial para o republicano, colaboraram para transformações na vida feminina. No entanto, isso não apagou o sistema patriarcal, e as mulheres seguiram ainda sendo idealizadas pelos padrões de tal sistema, submetidas a uma posição de inferioridade (Siqueira, 2019).

Azevedo (2016) afirma que fontes históricas como as revistas ajudam para uma melhor compreensão quanto a vida na mulher no passado. Nos primeiros anos da República, havia um padrão social de mulheres que se estendiam para publicações de livros, periódicos, leis e costumes, colocando-as como inferiores ao homem.

Portanto, com a análise dos conteúdos e da materialidade da revista *A Palavra*, que teve sua circulação no final do século XIX, será possível perceber as

representações e discursos que definiam o papel social da mulher e que revelam tanto os limites, quanto às transformações possíveis na sociedade brasileira oitocentista, considerando também a imprensa como um veículo de informação que contribui para a produção de representações sociais, que dialogava com o contexto social da época acerca das mulheres.

4 A MATERIALIDADE DO IMPRESSO

O uso de impressos vem crescendo tanto como fonte de pesquisa como objeto de estudo para a compreensão de temas voltados à educação. Ao longo dos anos, a imprensa, em seus registros, tem contribuído de forma significativa para historiar o pensamento educacional da sociedade, principalmente a partir do século XIX, tornando-se, assim, um instrumento que colabora para a construção do conhecimento na área da educação (Vidal, 2018).

Ao tratar sobre a imprensa como objeto da história, Capelato (1988, p. 21) aponta que: “A imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social. Partindo desse pressuposto, o historiador procura estudá-lo como agente da história e captar o movimento vivo das ideias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais”.

Esse tipo de estudo permite ao pesquisador perceber a forma com que os sujeitos estavam presentes na sociedade, bem como produziam a cultura e suas comunicações diante o contexto social e político, por exemplo (Mendonça, 2022).

Segundo Carvalho (2007), com a Nova História Cultural, novos caminhos surgiram, reinventando os métodos e objetos da história da educação no Brasil. Nessa perspectiva, são relevantes as análises de um determinado tempo e espaço da história pelo pesquisador, que irá questionar o documento histórico e apresentar suas visões em outro contexto, ou seja, considerando algumas complexidades do presente.

De modo geral, os impressos como os jornais e revistas eram um veículo de informação que promoviam o acesso à cultura. Segundo Azambuja, Henriques e Domiciano (2022, p. 44), sendo a imprensa popularizada “[...] o design editorial tornou-se essencial para projetar as possibilidades e experiências de leitura contempladas pela materialidade desses objetos”. Diante disso, ainda sob a concepção das mesmas autoras, para a criação de um impresso, havia antes um “projeto editorial”, o qual buscava definir o seu público, sua abordagem, seus custos e sua periodicidade.

À vista de tais considerações, “[...] levar em conta a materialidade do impresso é atentar para os dispositivos textuais e tipográficos de produção de sentido” (Carvalho, 2007, p. 120).

Conforme já mencionado, a análise que sustenta o presente estudo se embasa no periódico *A Palavra: revista litteraria dedicada à instrucção e recreio da mulher* (1889-1898), periódico que circulou no final do século XIX em Penedo, Alagoas -

Brasil. Portanto, a análise da materialidade desse impresso permite questionamentos e reflexões sobre como a imprensa feminina influenciava na construção de padrões femininos e impactavam o seu público-alvo, as mulheres.

Os impressos apresentam escritas em suas publicações, as quais refletem as ideias sociais, culturais e políticas de um determinado período, no caso desta pesquisa, do século XIX. Além disso, a estrutura do jornal e da revista, como as capas, categorias, imagens, cores e fontes utilizadas, também representam um padrão de impressos que circulavam no país (Mendonça, 2022). E quando essas características são materializadas no papel impresso, “[...] passam a representar qualidades formais, funcionais e emocionais da revista” (Azambuja; Henriques; Domiciano, 2022, p. 44).

Nas seções a seguir, serão apresentados elementos que conduzem à análise das publicações em sua materialidade que compõem a fonte do presente estudo.

4.1 A PALAVRA: REVISTA LITTERARIA DEDICADA À INSTRUÇÃO E RECREIO DA MULHER

A Palavra: revista litteraria dedicada á instrucção e recreio da mulher, reconhecida como um periódico da imprensa feminina, foi fundada e produzida em Pão de Açúcar- Alagoas, onde foi publicada em seus primeiros anos, de 1889 a 1991, pelo seu fundador Achilles Mello. Nos anos seguintes, até 1898 foi para o município de Penedo, também em Alagoas.

Quanto a Penedo, cidade que fez parte das maiores publicações da revista, Ferreira (2022, p.15) destaca para uma melhor contextualização, que a cidade:

começou a ser ocupada no início do processo de colonização do Brasil. Ao longo do oitocentos, a cidade consolidou-se como a segunda maior praça comercial da província de Alagoas e principal entreposto comercial da região que ligava o interior do São Francisco às rotas nacionais de cabotagem. A cidade também foi fundamental para a articulação de uma rota de comércio interprovincial de escravos que ligava uma ampla região do Nordeste e levou centenas de cativos para o sudeste do Brasil.

Dito isso, a revista era destinada às mulheres, portanto, em sua maioria, as publicações estavam relacionadas ao seu papel social, de como elas deveriam ser e se comportar, sendo em sua maioria também os escritos serem realizados por homens. Coincidentemente, poucas eram as que tratavam sobre os estudos, a vida social e a emancipação das mulheres. É interessante ressaltar também que muitos artigos não possuem assinatura, sendo impossível identificar se eram produzidas por

homens ou mulheres.

Sobre a revista, Burioli, Vieira e Pialarissi (2024, p. 60) informam que suas publicações são demonstrativas dos ideais relativos à educação feminina da época,

Ainda que a escolarização de meninas e moças tenha crescido no decorrer do século XIX, poucas eram as leitoras desse período. Tomando a revista *A Palavra* como referência, a mesma possuía uma tiragem de 1.250 edições semanais em um universo de 511.400 habitantes, número estimado de residentes em Alagoas, nos idos de 19007. Isso significa que, aproximadamente, 0,24% da população local era capaz de realizar a leitura do periódico por si mesma. Nesta dinâmica, *A Palavra: revista Litteraria dedicada a instrução e recreio da mulher* atuou como um dispositivo pedagógico que contribuiu na formação tanto de suas leitoras diretas, quando da população em geral.

Para melhor visualização de suas publicações, o quadro 1 a seguir, consta o número de publicação por ano, considerando a sua frequência semanal.

Quadro 1 - Frequência de publicação da revista *A Palavra*

Ano	Número de publicações	Frequência de publicação	Primeira publicação	Última publicação
1889	1	-	Número 15 19 de outubro	Número 15 19 de outubro
1891	1	Semanal	Número 7 15 de março	Número 45 20 de dezembro
1898	39	Semanal	Número 1 15 de Janeiro	Número 43 10 de Dezembro

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

O quadro possui informações de acordo com as publicações disponíveis na Hemeroteca Digital, considerando que não há um registro completo de todas as publicações. Mesmo com a falta de disponibilidade de alguns números, percebe-se que as publicações realmente aconteciam semanalmente pela sequência numeral publicada. No total, existem 41 publicações disponíveis na Hemeroteca Digital, sendo uma de 1889, uma de 1891 e trinta e nove de 1898.

Ao considerar a tiragem da revista – entre 1200 a 1300 exemplares semanais, tem-se a percepção de que representava uma das maiores publicações do estado de Alagoas. Sobre sua equipe editorial, Santos (2022) esclarece que o diretor Achilles Mello aceitava a colaboração de ambos os sexos.

Para quem gostaria de ter acesso a revista, era necessário fazer a sua

assinatura, que era paga mensalmente, variando entre quinhentos (500) e seis mil (6000) réis durante os anos em que foi publicada. Suas publicações eram semanais, em todos os sábados. Ela recebia colaboração de escritores, tanto homens quanto mulheres, para a escrita de suas colunas, os quais estavam organizados em artigos, poemas, músicas, informações, descobertas da semana, anúncios comerciais, dentre outros.

Possuindo um viés mais conservador dedicado ao público feminino, reforçava os padrões sociais e morais de seu comportamento na época, como nota-se em uma de suas publicações em que se nega uma emancipação feminina em detrimento de sua função como mulher.

Emancipe-se a mulher, gritam, dê-lhe todos os direitos que são conferidos aos homens, muito embora fiquem os filhos privados dos carinhos verdadeiros de uma mãe, sem educação, sem o calor do seio maternal que os alimenta e dá vida, sem ter quem guie os seus primeiros passos, sem ter, enfim, quem minore os seus sofrimentos (A PALAVRA, 1891, n. 28, p. 2).

Independente de sua perspectiva, diga-se que *A Palavra* foi um grande destaque da imprensa feminina, pois, em seus escritos, apresentava o que se esperava de um ideal feminino considerando os valores adequados do século XIX, “atendendo ao que o público pensava e desejava, não sendo neutro frente aos acontecimentos” (Burioli; Vieira; Pialarissi, 2024, p. 55).

Ferreira (2022) ainda afirma que a revista destacava em suas publicações o papel da mulher como esposa e mãe, considerando a sua vida na esfera privada, ou seja, no lar. Isso se refletia até nas escritas de mulheres na revista, pois mesmo algumas buscando seus deveres e direitos, ainda apontavam para a importância de ser uma boa mulher para a família.

4.1.1 Capa e Escrita

Em sua estrutura, *A Palavra* seguia o padrão da época, dividido em quatro páginas, com uma formatação simples, bordas e com figuras e enfeites em algumas edições. Na capa (a primeira encontrada na Hemeroteca Digital - edição 15 de 1889), apresentava um cabeçalho com o nome do jornal, o subtítulo, a data de publicação, o número da edição, a cidade, o preço das assinaturas mensais, e em seguida, já na primeira página, o início de um artigo. A figura a seguir apresenta uma imagem da

Já a figura 4 mostra a última capa disponível, em que, diferente da primeira, aparece duas imagens femininas nos cantos superiores.


Figura 4 - Última capa da revista



Fonte: Hemeroteca Digital - 43 de 1898 (BND, [2025]).

Seu formato seguia os modelos da época, os títulos eram destacados com fontes maiores e em suas escritas, cada página era dividida em três partes, como é possível perceber na figura 5 abaixo. Cada número publicado, permitia uma leitura contínua, o que poderia ter uma intencionalidade. A revista não apresentava em seus escritos um objetivo geral, porém, infere-se, ao realizar a sua leitura, que seu objetivo era instruir e entreter as leitoras, contribuindo para a permanência de um padrão feminino social e moral que permeavam aquele período. Quanto aos títulos, apareciam de forma aleatória, sem uma sequência específica nesse sentido.

Figura 5 - Formato de escrita da revista

<p>A PONTE DOS SUSPIROS</p>  <p>esta Veneza bella, nesta Veneza artistica, meio europèa e muito oriental, onde as cupulas bysantinas desafiam as flexas das mesquitas, onde as magestosas construcções, dos tempos senhoris, se erguem pesadamente ao lado dos rendados alcaçares mouriscos, nesta Veneza perola e princeza do Adriatico, ninho de amor, patria de poetas, berço de grandezas nesta Veneza das gondolas e dos bandos de brancas pombas mansas, onde tudo é alegre e festivo, ha uma pequena fabricação humana, cujo nome ainda hoje attesta os dramas de tristezas e de angustias que se desenrolam em seu interior—é a ponte dos Suspiros.</p> <p>Feia, pesada comprida, como um caixão mortuario, com alguns pequenos enfeites architectonicos, que</p>	<p>bella e alegre, ninho do amor, patria dos poetas e berço de grandezas.</p> <p style="text-align: center;"><i>Ivan</i></p> <hr/> <p style="text-align: center;">DISTRAÇÃO</p> <p>Tres pintores hespanhões discutião entre si acerca dos respectivos meritos, não deixando nenhum delles, como bons hespanhões, os seus creditos por mãos alheias.</p> <p>—Eu, dizia um delles, pinteí um dia um pedaço de madeira imitando pedra com tanta perfeição que, deitando à agua, foi logo para o fundo.</p> <p>—Pois eu, acudio o segundo, fiz uma paizagem polar com tal exactidão, que pondo lhe ao pé um thermometro, deceu logo 30 grãos abaixo de zero.</p> <p>—Tudo isso nada vale, diz o terceiro, si o compararmos com um retrato que eu fiz do arcebispo de Toledo. Estava tão parecido, que até tinha de se lhe fazer a barba todos os dias.</p>	<p style="text-align: center;">MEMORIAL</p> <hr/> <p>—<i>A Palavra</i> publica-se todos os domingos.</p> <p>—A correspondencia poderá ser dirigida à direcção d'<i>A Palavra</i> no escriptorio da redacção do « Trabalho, » em cuja officina é impressa esta Revista.</p> <p>—As columnas d'<i>A Palavra</i> estão francas a collaboração do bello sexo.</p> <p>—Acceitão-se annuncios commerciaes a razão de 100 rs. por linha ou a contracto.</p> <p>—SAO consideradas assignantes d'<i>A Palavra</i> as Excellentissimas Senhoras que não devolvem, logo em tempo, o primeiro numero que lhes é endereçado.</p> <p>—Numero avulso da Revista custa 200 rs.</p> <hr/>
---	---	---

Fonte: Hemeroteca Digital - 7 de 1891 (BND, [2025]).

Exceto nos dois primeiros números disponíveis, em todos os outros a última página tinha um editorial padronizado que se repetia, como o modelo abaixo apresenta.

Figura 6 - Última página das publicações

<p style="text-align: center;">EXPEDIENTE</p> <p>—A <i>Palavra</i> publica-se todos os sabbados.</p> <p>A correspondencia poderá ser dirigida à direcção d' <i>A Palavra</i> no escriptorio da redacção do Trabalho, em cuja officina é impressa esta Revista.</p> <p>—SAO consideradas assignatas d' <i>A Palavra</i> as Excellentissimas Senhoras que não devolverem, logo em tempo, o primeiro numero que lhes é endereçado.</p> <p>—Aceitação se annuncios commerciaes a razão de 100 réis por linha ou a contracto.</p> <p>As columnas d' <i>A Palavra</i> esão francas á collaboração do bello sexo.</p>	<p style="text-align: center;">DESCOBERTAS MARAVILHOSAS</p> <p style="text-align: center;">Prodigiosos preparados de Achilles Mello, approvados pela Inspectoria de Hygiene.</p> <p>MARAVILHA AMERICANA.—Preparado destinado á curar n'um momento todas as molestias que atacão as arvores e os animaes. A Maravilha Americana é o debellador instantaneo de todas as pragas e epidemias que assolão as fazendas de criação e lavoura. Uma lata 2\$000 réis. Uma duzia 20\$000 réis.</p> <p>PÓS REGENERADORES.—Preparado que produz a cura completa e infallivel do vicio da embriaguez, causando no beberrão a maior repugnancia pelas bebidas alcoolicas. Não ha noticia de pessoas alguma ter voltado ao vicio depois de haver feito uso d'esse especifico. Uma caixa, para curar um individuo, 10\$000 réis. Uma duzia 100\$000 réis.</p> <p>CASCAVELINO.—Remedio infalivel e de effeito immediato contra as mordeduras de cobras venenosas e cães damnados ou hydrophobos. Nenhum antidoto tão seguro até hoje é conhecido como este. Pode ser conduzido no bolso, em sua diminuta caixinha para qualquer parte. É indispensavel aos caçadores e habitantes das fazendas. Uma caixa 3\$000 réis. Uma duzia 30\$000 réis.</p> <p>PRESERVA GRÃO —Preparado que preserva o milho e o feijão de serem atacados pelo gorgulho e caruncho. Lata 3\$000; duzia 30g.</p> <p>OLEO DIVINO,—remedio infallivel contra a dor-de-dentes. Faz passar a dor sem que esta reapareça mais. Vidro 3\$000; duzia 30\$.</p> <p>VERMIFILINA.—de effeito laxativo, soavs e brando, reconstitue o organismo debilitado. É um remedio portentoso, indispensavel ás crianças. Vidro 3\$000; duzia 30\$000.</p> <p>ELIXIR ACHILLES,—poderoso preparado contra as sardas, panos e manchas do rosto. Cura certa em poucos dias. Vidro 3\$000; duzia 30\$000.</p> <p>PULVERIO DENTINO.—destinado á hygiene da bocca. Produz a limpeza e brilho dos dentes, conserva as gengivas e evita a carie e dor de dentes. Caixa 3\$000; duzia 30\$000.</p> <p>Remette-se com pontualidade, registrado pelo correio, livre de despesa de sellos, para todas as localidades do paiz, qualquer quantidade dos medicamentos acima, sem desconto.</p> <p>Em dez duzias dos medicamentos, sortidos a vontade do comprador entregue o volume, a bordo, em qualquer capital maritima, faz-se o desconto de 15 por cento.</p> <p>AVISO.—Previnimos que já estão falsificando os nossos preparados em alguns lugares.</p> <p>Quem quizer, portanto, ficar livre d'essas imitações que absolutamente não produzem o effeito dos nossos verdadeiros preparados, dirija seus pedidos por intermedio de negociantes serios ou mesmo directamente a nossa fabrica e deposito central. Indereço:</p> <p style="text-align: center;">Achilles Mello</p> <p style="text-align: center;">(Estado de Alagoas) Cidade do Penedo.</p>
<p style="text-align: center;">VIEIRA MACHADO & Cia</p> <p style="text-align: center;">COMPLETO SORTIMENTO de Pianos e Muzicas de todos os editores da America e Europa.</p> <p style="text-align: center;">51—Rua dos Ourives—51 CAPITAL FEDERAL</p>	
<p style="text-align: center;">LOJA PALAIS ROYAL</p> <p style="text-align: center;">ESTABELECIMENTO DE MUSICAS e PIANOS</p> <p>Pianos dos mais importantes fabricantes.</p> <p>Methodos de diversos autores.</p> <p>Exercicios de diversos autores.</p> <p>Muzicas para principiantes de quenas mãos.</p> <p>Idem para adiantados.</p> <p>Idem de grande força.</p> <p>Idem do paiz: valsas, polks etc etc, e outras muitas composições de selectos autores.</p> <p>Idem—Grande zincographia, cujos trabalhos tem merecido elogios de todos os estados. Imprimem-se muzicas por preços modicos.</p> <p style="text-align: center;">AO PALAIS ROYAL BAHIA</p>	

Fonte: Hemeroteca Digital - 2 de 1898 (BND, [2025]).

Observa-se, na figura 6, uma estrutura com títulos fixos. “Expediente” apresentava informações sobre a revista, sua frequência, correspondência, assinantes, propostas de anúncio, abordando que era dedicado às mulheres, o que permite perceber uma organização e profissionalização do periódico.

“Vieira Machado & Cia”, uma loja de música e pianos, bem como “Lojas Palais Royal”, também um estabelecimento de música e pianos, pode se justificar pela importância de uma formação musical. Segundo Priore (1997), mais especificamente o tocar piano, era um sinal de elegância e sensibilidade para uma mulher da elite. Já as “Descobertas Maravilhosas”, apresentam medicamentos e produtos cosméticos, a exemplo do pesticida “maravilha americana”, “Oleo divino” contra as dores de dente e “Elixir Achilles” contra manchas de pele.

Considerando uma revista dedicada às mulheres, apesar de ser a última página, envolve, em partes, o que se espera de uma feminilidade, com delicadeza e cuidados, sendo um conteúdo educativo, porém, leve. Nesse sentido, Priore (1997) afirma que as mulheres eram instruídas a cuidar de sua saúde, de modo a garantir a sua funcionalidade, seja como mãe ou esposa.

Portanto, publicada a partir de 1889, segundo os registros e disponibilidades da Hemeroteca Digital, a materialidade desta revista possuía um editorial voltado para o público feminino da época, como revelado em seu próprio título. Seus conteúdos eram instrutivos e de entretenimento, apresentados em contos, poesias, crônicas, receitas, reflexões morais, conselhos e notícias para além dos artigos sobre instrução/educação e comportamento que representavam uma figura feminina ideal.

4.1.2 Anúncios

Nos dois primeiros números disponíveis da revista, 15 de 1889, na imagem a seguir, e 7 de 1891, tinham os anúncios de publicidade na última página. Esses anúncios possuíam assuntos diversos, como divulgação de acessórios da moda, perfumes e farmácia, como mostra a figura.

Figura 7 - Anúncios da revista

ANNUNCIOS

CHAPEÇOS

Na Loja Brava, n' esta cidade, encontram-se os mais finos e modernos chapéos para senhoras. Abolicivale em preços.

CALÇADOS

HENRIQUE CANUTO RECEBEU PELO ÚLTIMO VAPOR IMPORTANTE SORTIMENTO DE CALÇADOS PARA HOMENS, SENHORAS E MENINOS.

SAO DOS MAIS ACREDITADOS FABRICANTES.

PREÇOS BARATISSIMOS—DINHEIRO A VISTA.

O PERFUME POR EXCELLENÇA.

A AGUA FLORIDA É O MAIS DELICIOSO PERFUME CONHECIDO ATÉ HOJE—SENDO VERDADEIRA.

HENRIQUE CANUTO HA POUCO RECEBEU DIRECTAMENTE DA FABRICA DOS ESTADOS UNIDOS A VERDADEIRA AGUA FLORIDA E VENDE POR PREÇO EXCESSIVAMENTE BARATO. NINGUEM O PODERA COMPETIR.

LOJA PROGRESSO

Os mais acreditados Romanços de Julio Verne e H. P. Escrich : livros escolares, ditos em brancos de diversos tamanhos : é somente na LOJA-PROGRESSO, n' esta cidade, onde se pode encontrar sortimento n' esse genero.

LOJA PROGRESSO

JOAO ALVES

Completo sortimento de valzados para homens, senhoras e meninas de ambos os sexos.

Chapeos.—vasto sortimento—para homens e senhoras.

Diversas fazendas de lã e seda,—gosto o mais moderno—para vestidos.

—Suntuoso sortimento de mindezas e perfumarias.

E o primeiro barateiro.

Preços sem competenciã.

—A DINHEIRO—

MACHINAS DE COSTURA

HENRIQUE CANUTO vende as legítimas machinas de costura do acreditado fabricante—Singer.

Preços modicos

MOLHADOS

Trajano C. Oliveira

Tem em seu estabelecimento a travessa Gutenberg, completo sortimento de molhados, e chama a attenção do publico para a provisão de suas despesas.

Generos novos e de primeira qualidade.



QUINA-LAROCHE
ELIXIR VINOSO

A Quina-Laroche contém todos os principios da quina, tem um gosto muito agradável, e é superior aos outros vinhos e extratos de quina; contra o descaimento das forças e da energia, as affecções do estomago, as febres intermitentes, o GEMENHO do sangue.

FERRUGINOSO

é a feliz combinação de um sal de ferro com a quina. É recommendado contra a pobreza do sangue a chloro-anemia, as consequências do parto, etc.

Paris, 22, rue Drozot, e nas principais Pharmacias de França.



ESTIMULANTE
TONICO
NUTRITIVO
E RECONSTITUENTE
VINHO

COCA

PHOSPHATADO FERRUGINOSO
DO DOUTOR DELOR DE PARIS

O resultado satisfactorio obtido nos casos mais diversos, até mesmo naquelles em que haviam sido mallogrosos os preparações ferruginosas, faz com que Vinho com phosphatado ferruginoso seja o mais energico agente therapeutico para curar e combater a anemia, a chlorose e todas as enfermidades provenientes da pobreza do sangue.

Receitado por todos os medicos para curar e combater a Rachitismo, escrofulas, anemia, chlorose, convalescencia, debilidad, fraqueza, etc.

DEPOSITO GERAL
9, rue Albouy, em PARIS

Fonte: Hemeroteca Digital - 15 de 1889 (BND, [2025]).

Percebe-se então, que os assuntos de anúncios são variados com produtos do uso cotidiano como moda, consumo e saúde, os quais são pagos e apontam o tipo de público a ser atingido, ou seja, uma classe média que tinham condições financeiras e se preocupavam em gastar, mantendo um status social. Percebe-se a dedicação às mulheres nos anúncios, principalmente na parte de moda e perfumes, o que indica a necessidade do cuidado com a aparência, bem como de medicamentos, que envolve

cuidados de saúde para com a família.

No restante da revista, como já apresentado na figura 6 (página 61), as últimas páginas eram um padrão, compostas por títulos que falavam sobre a organização da revista, bem como também alguns anúncios sobre produtos de saúde e cosméticos e lojas de piano.

Portanto, os anúncios revelam tanto os hábitos de consumo da época quanto os valores sociais em circulação, distinção, elegância, cuidado com a saúde e desejo de modernidade. Além disso, reforçam a presença de um público leitor urbano e alfabetizado, capaz de consumir tanto artigos de luxo da moda, quanto remédios pagos.

4.1.3 Colaboradores

Sobre os colaboradores da revista, como já apontado anteriormente, homens e mulheres faziam parte dos escritos para publicações. Os homens estavam em sua maioria, e alguns apareciam com mais frequência, como é possível observar no quadro 2 a seguir.

Quadro 2 - Colaboradores da revista

Colaborador (a)	Quantidade de Artigos
<u>Maria Jucá</u>	1
José Bonifacio	1
Alberto de Oliveira	1
Luiz Guimarães	3
Scipião Jucá	1
Othoniel Motta	2
Monsenhor Solon Pedreira.	3
D. Antônio da Costa	1
Arthur Goulart	1

<u>Valentina Riant</u>	1
<u>Revocata H. de Melo</u>	1
Hygino Bello	41
Maciel Ribeiro	1
Henrique Oerreyeve	1
Francisco Barroso	1
Elysio Carvalho	2
Celso Vieira	1
Clovis Bevilaqua	1
Alexis Bouvier	1
<u>Amalia Franco</u>	1
Theophanes Brandão	16
Lucio de Mendonça	1
Joao Dias de Mesquita	2
Dr. Corimbo	3
<u>Maricas Magalhães</u>	1
<u>Thereza Maria de Jesus</u>	1
<u>Delminda Silveira</u>	2
<u>Julia Lopes de Almeida</u>	1
Henry Perreyne	1
Coelho Netto	1
<u>Ignez Sabino</u>	2
Sebastião M. de Carvalho	2

Dr. Castro R. Junior	1
<u>Andradina de Oliveira</u>	1
Guerra Junqueiro	2
<u>Maria Dulce Monteiro de Oliveira</u>	2
José Polycarpo	1
João de Deus	2
<u>Luiza Balthar</u>	1
Oscar Telles	1
Padre Zeferino de Abreu	1
<u>Magdalena de Carvalho</u>	1
<u>Jane de Vaudère</u>	1
José C. de Areu	5
Silvio Pellico	1
Dr. José Rodrigues Cosgaya	1
Lourival Açucena	1
Nemo	3
Leonor Arnaud	1
Augusto d'Oliveira	2
José d'Avó	1
Roberto Alencar	1
<u>Elvira Gama</u>	1
Soriano de Carvalho	1
Augusto César	1

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Os colaboradores que aparecem no quadro 2 são aqueles que possuem sua assinatura abaixo de um artigo em publicações da revista. No total, ao longo das 41 edições disponíveis, são 114 artigos assinados por homens, mesmo repetidos, 18 por mulheres, que estão sublinhadas e destacadas, e 17 não identificados, considerando as assinaturas abreviadas e com siglas: A Karr, J. Alencar, J. M. de Machado, O. J., I. P. Ramos, M. L. S., A. de Azevedo, A. O., M. Luz, O.C, J. Vila, M. G, L. Pereira, E. Castellar, M. Tavares, J. G. R e N.C.

Também é possível notar a frequência de alguns colaboradores como Hygino Bello, que aparece em 41 assinaturas de artigos e Theophanes Brandão, em 16. As mulheres que aparecem em mais de uma publicação são Delminda Silveira, Ignez Sabino e Maria Dulce, em duas. Além disso, vale destacar que grande parte dos artigos escritos não possuem assinatura de nenhum colaborador, o que pode representar tanto o desejo de uma não exposição, ocultamento de autoria ou mesmo uma prática editorial.

Quanto a Delminda Silveira e Júlia Lopes de Almeida, ambas aparecem no segundo capítulo da pesquisa acerca da imprensa feminina, bem como na figura 1, onde é apresentada às mulheres escritoras que aparecem no decorrer do capítulo. Em suas publicações na revista, Delminda fala sobre “Alma de poeta” e “Uma recordação” de família, enquanto Júlia fala sobre ser mãe.

As assinaturas dos colaboradores revelam a predominância masculina na escrita dos artigos da revista. Essa diferença mostra como o espaço da escrita e da imprensa era limitado, pois, mesmo em uma revista que era dedicada ao público feminino, a “voz” masculina tinha mais poder.

De modo geral, olhando para as informações acerca da revista *A Palavra*, compreende-se não apenas o seu conteúdo, mas também a sua forma e como ela era veiculada com estratégias de produção voltadas para o público feminino. Tanto seus temas, publicidades e editorial, refletiam sobre a representação da mulher e a construção do seu papel social de acordo com as ideias do século XIX.

Segundo Chartier (1990), os objetos impressos levam, em sua materialidade, traços de práticas sociais e culturais de sua produção. Assim, a análise da estrutura e das representações da revista é essencial para perceber os discursos de instrução, entretenimento e padronização do comportamento feminino

4.2 A REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM A PALAVRA

A fim de estabelecer uma breve relação entre os conteúdos publicados na revista *A Palavra*, foi realizado um quadro sobre ela com os principais temas selecionados para análise, apresentando suas ideias gerais. Este quadro serve de base para a análise, sendo possível obter uma melhor visualização do que está sendo analisado ao longo deste capítulo.

O quadro 3 foi organizado a fim de apresentar os principais temas da revista *A Palavra*. Para a sua construção, foi observado cada publicação da revista disponível na Hemeroteca Digital. De forma geral, foi observado cada publicação, sendo anotado os temas que apareciam com mais frequência, bem como uma definição geral das ideias que giravam em torno de cada tema, como é possível observar.

Quadro 3 - Temas e representação d'A Palavra

Tema	Discurso
Papel Social da Mulher	Abordava o papel da mulher na sociedade e na família, destacando seu papel como esposa e mãe, de forma sublime e tradicional.
Moral e Costumes	Apresentava as normas e condutas que eram esperadas das mulheres diante aos padrões da época, com destaque para sua delicadeza natural, pureza, dons de cuidado, sendo elas seres divinos.
Educação e Instrução Feminina	Apresentava instruções referentes à educação mais informal, que recebiam em suas casas respeitando os costumes da época, relacionados ao lar, à família e ao casamento.
Trabalho Feminino	Com muitas limitações, abordava a possibilidade de trabalho para a mulher para que também contribuísse financeiramente no lar, porém, não poderia ser superior ao seu marido.
Moda e Estilo de Vida	Orientava sobre as roupas a serem utilizadas para ressaltar sua beleza e elegância com as tendências do momento, bem como sobre etiquetas de comportamento no meio privado e social.
Literatura	Publicava muitas crônicas, contos e poesias que também eram escritas por mulheres. Os temas eram referentes aos valores conservadores da época e as mulheres, envolvendo seus sentimentos e costumes.
Cultura	Publicava artigos da área de ciências, história e filosofia, por exemplo, que envolviam princípios éticos e morais da época, conhecimentos gerais, valores críticos, personagens e recomendação de leituras.
Entretenimento	Colocava, geralmente no final da publicação, dicas de lazer e charadas de forma mais recreativa, com temas ligados também ao comportamento feminino e românticos.

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Após essa visão mais ampla dos temas apresentados na revista, apresenta-se também o quadro 4, com as 41 publicações que serão analisadas, disponíveis no site da Hemeroteca, contando com uma publicação de 1889, uma de 1891 e trinta e nove de 1898.

Para Siqueira (2019, p. 25), compreendendo o periódico como:

[...] o principal meio de comunicação da época, é importante conhecermos, também, como a imprensa enxergava a situação das mulheres, como ela as representava ou, na verdade, como a imprensa feminina reforçava cada vez mais uma noção de que o sexo feminino, frágil, submisso e intelectualmente inferior, deveria continuar a aprender sobre o lar, cozinha, roupas, filhos e maridos e ignorar a situação que lhes era imposta por uma definição biologicamente marcada.

Azevedo (2016), explica que pensar sobre o papel social da mulher nos momentos da República brasileira tem grande relevância, pois esse novo sistema gerou novas dinâmicas e a necessidade de que os cidadãos fossem minimamente educados para um avanço social e econômico. Assim, com a análise das publicações d'*A Palavra*, será possível perceber como os discursos referentes às mulheres as representavam, considerando os ideais femininos vigentes naquele período sob essa ótica.

Quadro 4 - Publicações analisadas de *A Palavra*

Data	Número	Títulos
19 de Outubro 1889	15	A escola; Os olhos; Norma; O mundo elegante;
15 de Março 1891	7	A alimentação; Os tres sorrisos de Maria; Receita diaria;
15 de Janeiro 1898	1	A mãe e a educação; Mãe; Mulheres celebres;
22 de Janeiro 1898	2	A mulher; Mulheres celebres; Maridos sortidos;
5 de Fevereiro 1898	4	Sciencia e fe; Meu ideal; Medicina Domestica;
12 de Fevereiro 1898	5	A caridade; A flor saudade; Morta;
19 de Fevereiro 1898	6	A mulher; A mensageria; Amarguras;
5 de Março 1898	7	O que pensamos nós ser a esperança?; Novella; Músicas;

26 de Março 1898	10	A semana-santa; A litteratura brasileira; Educação das creanças;
2 de Abril 1898	11	Miloca; A descrença; As creanças;
16 de Abril 1898	12	O lar feliz; O cartão; Credo;
23 de Abril 1898	13	Papel da mulher na criação; Noivos de Maio; O Christianismo;
30 de Abril 1898	14	Arte de casar; O remorso; Meditando;
7 de Maio 1898	15	A mulher; Vingança imprevista; Sonho exilado;
14 de Maio 1898	16	A memoravel data 13 de maio; A innocencia; A orphã;
21 de Maio 1898	17	A Formosura; Impressões de amôr; A mais bella;
28 de Maio 1898	18	O casamento; Acto de fé; Conhecimentos uteis;
4 de Junho 1898	19	A palavra; O perdão; A sociedade;
11 de Junho 1898	20	Milagres do trabalho; A emancipação da mulher; Ser mãe; Alma de poeta
18 de Junho 1898	21	Ignez Sabino; Christo; Em defeza da honra;
25 de Junho 1898	22	A mulher; Educação e instrucção; O baptismo;
2 de Julho 1898	23	A liberdade; Encanto; Judith e a flor;
9 de Julho 1898	24	A humildade; Santa; Ser mãe;
15 de Julho 1898	25	A palavra; A familia; Theatro;
23 de Julho 1898	26	A moral social; Doutrina catolica sobre o poder; Desigualdade da vida;
30 de Julho 1898	27	A família; Vozes D'alma; A agulha e a linha;
6 de Agosto 1898	28	A educação domestica; A litteratura brasileira; Fantasiando!;
13 de Agosto 1898	29	A familia; A mulher-mãe; A mulher;

20 de Agosto 1898	30	A crença; Mez de Maria; Casamento singular;
27 de Agosto	31	A sublimidade e efficacia da religião catholica; Deus e liberdade; Muito chic;
3 de Setembro 1898	32	Amor; A imprensa; Eduquemos;
10 de Setembro 1898	33	O divorcio; Deus; Pensamentos;
16 de Setembro 1898	34	A consciencia; Deveres dos homens; Va comendo;
8 de Outubro 1898	35	O ensino religioso; Vida feliz; O adeus;
22 de Outubro 1898	37	Esposa e mãe; Na soledade; Aos casados;
28 de Outubro 1898	38	Escolas profissionaes agricolas para as mulheres; A rosa; Liga das mulheres para a paz;
12 de Novembro 1898	39	A sinceridade, A noiva; Echos;
19 de Novembro 1898	40	Onde esta' a felicidade; Regras do bom-tom; No ceo;
26 de Novembro 1898	41	Regras de civilidade; A mulher; Receitas;
3 de Dezembro 1898	42	Mae; A caridade para todos; A mulher;
10 de Dezembro 1898	43	O descanso do domingo; Descrença em Deus; Maravilha Americana;

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Dentre as publicações apresentadas no quadro, algumas serão analisadas de forma mais aprofundada, a fim de discutir sobre uma determinada temática apresentada, enquanto outras serão apresentadas de forma breve, de modo a explicar que representam a mesma ideia sobre o tema, mas não necessariamente apresentando uma imagem ou trecho sobre ela.

Dito isso, a análise das publicações da revista *A Palavra* revela uma diversidade de temas em torno dos discursos sociais acerca do papel da mulher no final do século XIX, além de direcionar uma parcela de seus artigos também para os homens ou público em geral. De qualquer forma, é possível perceber os objetivos da revista para

com seu público principal, pois, nos mais diversos assuntos, as mulheres são representadas como sujeitos carinhosos, que possuem um destino a seguir no ambiente privado, nos cuidados do marido e dos filhos.

Cabe aqui um destaque inicial para uma data significativa do ano de 1888 que envolve uma questão social e política e que a revista apresenta como “A memorável data 13 de maio”.

Figura 8 - 13 de Maio

**A MEMORAVEL DATA
13 DE MAIO**



noite ia bella. A lua espalhava seus prateados raios, illuminando o orbe terraqueo. Nem o menor susurro, a mais leve perturbação. A natureza dormitava no seio do Creador.

Apenas o som d'uma lyra e uma voz tremula ao longe. D'onde parte esta voz?

D'uma nação escrava que com sua lyra no sonho, com lagrimas derramadas em ondas marmoreas, perguntava a Deus quando se extinguia o seu duro captivo.

Repentinamente ouvi-se grande rumor de lucta encarniçada entre dous partidos. Realmente era uma lucta gigantesca!..

Um dos partidos combatentes—o heroico, o inexpugnável—pelejava com o gladio luminoso da justiça, em nome dos preceitos sabios da verdade; o outro adherindo á usurpação de um direiro santo, pegava em armas com a raiva desesperadora da féra sanguinaria.....

Seus estandartes, soltos ao vento, se repelliam nas cores e na inscripção.

Um—de brancura serena da aurora—symbolisava a Religião, a Luz e a Liberdade; outro—inimigo—brumoso, como o crime que defendia—synthetisava a renegação d'essa Religião, o eclipse d'essa luz, o assassino d'essa Liberdade.

O campo, tinha a amplitude do

Sahara, a ideia, a ringidez de bronze, o ataque á furia do Waterloo... Era dous oceanos se querendo tragar... .

Combateram, combateram rehidamente: foi uma lucta gigantesca!..

—

—A humanidade é uma livre, igual; uma enorme familia, cujos membros devem ser concordes na protecção mútua, na igualdade dos direitos.

A diversidade da cor das aves não tira á alguma a harmonia do canto: o homem é o mesmo, qualquer que seja a sua raça. Tem uma consciencia que o regula: uma alma para sentir, um coração para amar. Pae—sabe abraçar o seu filho, guial-o, buscando-lhe a ventura; esposo-biparte a vida, o gozo, a agonia com a mulher estremeida; amante—confunde seus dias e seus sonhos com os sonhos e dias d'aquella que sente o que elle sente e vive do amor, como elle vive. E' preciso que firmemos esta verdade: a humanidade é uma, livre e igual!

E estas palavras eram o evangelho sagrado que arvorava o batalhão redemptor, eram as idéas, porque pelejava:—modernos Templarios; a cruz porque sua fé estremeia.....

O negro é um paria, um misero, um escravo! Tem um merecimento unico e imutavel:—servir sempre.

Cousa que, por uma imperfeição do accaso, assimilha-se ao homem; ente que tem alma sem sentimentos, que tem craneo sem idéas, sem aspirações, sem raciocinio; objecto que não pode fruir as caricias de

mãe,—que deve gozar os sulcos infamantes do latego, em vez dos sorrisos de filha,—que serve-se mais dos estreitos elos de uma cadeia dura, do que do beijo-affectuoso de esposa,—que não tem patria nem Deus, luturo, nem crenças.—

Ahi está o retrato d'esse vulto escuro, que pretende audaz e criminosamente igualar ao homem:—elle é um paria, um misero, um escravo!—

Eram os artigos da torva constituição regedora dos Neros brasileiros; eram as blasphemias, o desgraçado pensamento do partido escravocrata

—

Raiou um dia imponente... .

A liberdade, até então tolerante para com os horrores do escravocrata, decido espezinhar esta instituição sacrilega.

O pavilhão aurifulgente da justiça tremulava sciintillante.

Quando o sol ultrapassou o meio de sua jornada, ouviu-se um gemido immeasamente feroz... Era a hydra negrenta e homicida que se aprofundava no abysmo da morte!..

A Deusa havia prostrado por terra a cabeça monstruosa da escravidão.

Depois... o paiz touco, fascinado, ancisco, corre aos pés da Redempção e depõe-lhe o coração banhado dos prantos de reconhecimento. . .

Depois... a legião humanitaria dos Libertadores:—a cohorte sublime e lourejante dos victoriosos—, no meio de um delirio febricitante, manda ao Brasil, livre e agradecido, dar o amplexo da paternidade ás nações cultas.

Penêdo 13 de maio de 1888.

Theophanes Brandão.

Esse artigo de Theophanes Brandão, apresenta uma narrativa idealizada acerca da abolição da escravidão no Brasil, que havia ocorrido dez anos antes da publicação, enaltecendo a libertação do povo negro escravizado como um marco de progresso moral e de um ganho da liberdade sobre a opressão. De um ponto de vista político, a abolição é apresentada como uma conquista moral e cristã em ideal de justiça. Com isso, nota-se também que há o reforço de um poder diante a concessão de uma liberdade sem o protagonismo dos que foram libertos.

A partir de 1888, o cenário para o povo negro teve algumas mudanças em comparação ao que se passava, e os mesmos poderiam circular com mais frequência pelos espaços. No entanto, ainda assim, as mulheres, vindas de tal situação continuaram sendo excluídas social e politicamente, já que os discursos acerca da mulher ideal giravam em torno da mulher branca, e principalmente, elitizada (Amoras; Costa; Araújo, 2021).

Ao olhar para a edição 22 de 1898, “Educação e instrução”, mesmo não sendo a primeira publicação, compreende-se o objetivo da revista com o termo “instrução” em seu título, quando é explicada a diferença entre os termos, escritos por O.C, sendo que “A educação é a cultura do coração e a instrução a cultura do espírito. Não devemos confundir a educação com a instrução. Esta última dirige-se ao intellecto principalmente, mas a outra é a formação moral do homem”. Essa diferença revela que para os editores da revista, a instrução estava para além de ensinar conteúdos formais, envolvendo também o crescimento intelectual e cultural dos sujeitos.

Ao mesmo tempo, a frequência de artigos sobre “educação” no sentido moral, cívico e doméstico, evidencia que as publicações, então, não estavam ligadas apenas a um desenvolvimento intelectual, mas, buscava conciliar também a formação moral, de caráter, principalmente quanto ao papel social da mulher. Desse modo, o artigo “Educação e instrução” informa a diferença entre os termos, e por outro lado, reafirma a necessidade dos dois caminharem juntos para uma melhor formação, seguindo os ideais de conduta e civilidade.

Ainda nesse sentido, percebe-se a consideração da revista quanto à relevância do ensino ou instrução para a sociedade, para que se tornassem cidadãos de valores morais e religiosos. No seu primeiro título disponível na edição 15 de 1889, “A Escola” apresenta a importância da instituição para que os sujeitos sejam inteligentes, tenham conhecimentos humanos, se relacionem com os outros e com Deus. No entanto, ao mesmo tempo em que destacavam tal relevância de um ensino para o crescimento da

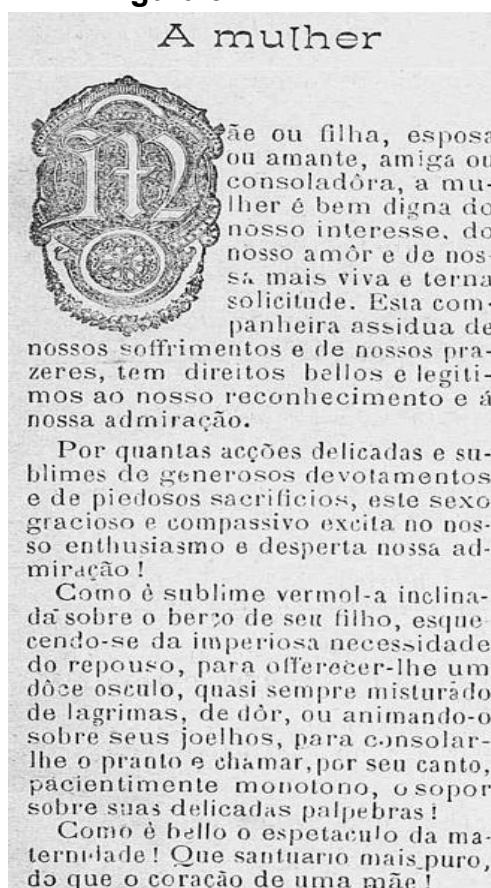
sociedade, as mulheres, diante dos escritos da revista, não eram incluídas nesses termos.

Considerando o fim do século XIX, mesmo com algumas ideias sobre a necessidade de uma melhoria no sistema de ensino para o progresso do país, havia uma grande resistência para que as mulheres frequentassem a escola pelos que consideravam uma ação desnecessária. O sistema patriarcal em benefício de uma cultura para os homens e a exclusão das mulheres para a mesma, “acabou impondo uma educação diferenciada como forma de respeitar as ‘diferenças biológicas e morais’ de cada sexo, que vigorou por muitas décadas” (Lima, 2007, p. 101).

Em 1898, ano de maiores publicações disponíveis, é possível perceber a recorrência de títulos com as palavras “A mulher”, “família”, “mãe” e “casamento”, que apontam para um projeto de instrução e moralização do público feminino.

Com esses temas, a revista não tinha o objetivo apenas entreter ou instruir o seu público, pois, contribuía para a formação de um ideal feminino, mais especificamente burguês, relacionando também aos valores cristãos, patriarcais e conservadores predominantes no período, como nota-se na figura 9, em um dos títulos “A mulher”, que aparece com frequência, sendo este sob assinatura de Theophanes Brandão.

Figura 9 - "A Mulher"



Fonte: Hemeroteca Digital - 15 de 1898 (BND, [2025]).

Como aponta Cunha (2014), os discursos sobre as mulheres no século XIX estavam associados ao lar, à moralidade e à educação dos filhos, funções estas que atendiam os ideais sociais predominantes.

Ainda nesse sentido, tem-se os artigos "O lar feliz", sem autoria, que colocam a mulher no lugar de ser responsável pelo bem e cuidado da família e da casa, como percebe-se no trecho

Incontestavelmente é no lar que a mulher exerce em toda a plenitude a sua preponderancia, da qual, benéfica ou perniciosa, resultará a paz, a concordia e a felicidade da familia, ou as calamidades e miserias que são as consequencias inevitaveis das dissensões domésticas. A mulher que ama ao pacifico remanso da vida intima e serena, e que ambiciona a paz do coração, tem sempre predilecção pelo lar, que se torna o seu constante e grato enlevo (A PALAVRA, 1898, n. 12).

Esse é um exemplo de um discurso prescritivo acerca do papel social da mulher da época, que reforça o lar como espaço ideal e atribui a mulher a responsabilidade moral para o equilíbrio da calma entre as relações familiares. É interessante

perceber que, por um lado, a mulher possui um certo poder, “a preponderância”, mas que se limita, mais uma vez, aos cuidados do lar. Priore (2020) reflete sobre isso na teoria de uma valorização simbólica, mas que na prática, continua sendo por uma submissão social e política.

Em a “Arte de casar” destaca-se a importância do casamento do ponto de vista social e moral, bem como a escolha da pessoa para que tenham um bom casamento.

Figura 10 - Casamento



Fonte: Hemeroteca Digital - 14 de 1898 (BND, [2025]).

Essa escrita, sem autor definido, mostra como o casamento, na imprensa feminina, era definido como algo central na vida das mulheres, não necessariamente no sentido afetivo ou amoroso, mas no social e moral. O destaque para a escolha da “pessoa certa” também para essa questão de respeito e harmonia do lar e da família.

Vale ressaltar que para Chartier (1990), os discursos da imprensa, além de descrever comportamentos esperados, também representam e moldam práticas sociais. Então, os artigos dessas temáticas definiam o que se esperava de uma mulher socialmente, normalizando a ideia do casamento como um destino essencial para

elas, para sua imagem.

Ao observar o quadro, nota-se também que em sua maioria, considerando o objetivo da revista, que, mesmo os títulos que não tem um direcionamento direto para a mulher, eles se relacionam a elas de alguma forma pela palavra escolhida e seu tom, como, por exemplo, a publicação 7 de 1891, que no título “A alimentação”, sem autor definido, fala brevemente sobre a necessidade de bons alimentos para o conforto e satisfação do corpo, e, em seguida, se estende para o papel da mulher nesse sentido, afirmando que:

Si as donas de casas compreendessem bem a importancia que tem na vida familiar esta parte de seu dominio, cuidarião com o maior zelo na alimentação caseira [...] Vereis então minha senhora, com que prazer vosso marido, depois de ter tomado uma refeição simples talvez, porém certamente reconfortante e agradável, ficará em casa a fazer brincar o vosso filho, alegre também, e vos pedirá uma das arias que sabeis tocar ou cantar tão suavemente (A PALAVRA, 1891, n.7).

A presença de títulos como “A moral social”, do trecho a seguir, “A caridade”, “A humildade”, “A sinceridade” e “Regras de civilidade”, por exemplo, apontam para discursos orientadores, que visavam moldar comportamentos e valores morais considerados adequados. Mesmo a revista sendo dedicada às mulheres, esses títulos pareciam direcionados a todos os públicos leitores, inclusive homens. Ao mesmo tempo que a revista apresentava “recreio”, como apareceu no seu título, funcionava também como instrumento de formação moral e social.

Procuremos a moralidade na pratica das nossas acções; façamos da virtude o nosso evangelho e a felicidade estara ao nosso lado, porque feliz é o homem que sabe se enfrentar com todos os assaltos da adversidade sem manchar a honra, a melhor joia que possuímos e que; uma vez perdida, jamais a readquiremos. A honestidade é a pratica no mundo exterior, no mundo material, de uma theoria alimentada no mundo psychologico (Bello, 1898, n. 26).

Esse trecho, sob autoria de Hygino Bello, é mais um discurso clássico sobre valores moral e social do período, marcado pela virtude, honra e honestidade como base da sociedade como um todo, não apenas para as mulheres. Essas representações refletem para a realidade e construções sociais, bem como definem condutas e classificação sociais (Chartier, 1990).

Tem-se também os títulos que envolvem fé e religião, predominantemente do cristianismo naquela época. “O ensino religioso”, “Doutrina católica sobre o poder”,

“Christo”, “Deus” e “Crença”, por exemplo, revelam a relação entre a religiosidade e a figura feminina. Apesar de não se dirigir diretamente às mulheres nesses títulos, já que a fé e os valores católicos eram fundamentais para a sociedade, compreende-se a intencionalidade desses artigos em uma revista destinada para elas, como percebe-se na figura 11, do título “O Christianismo”, sob autoria de Hygino Bello.

Figura 11 - O Christianismo na revista

Felizmente, a religião catholica, a grande religião da humanidade, conta ainda muitos adeptos e dia á dia vai se enraizando no coração do povo, recebendo a perfeita obediencia á que tem direito.

A nossa patria, com o novo regimen estabelecido em 15 de novembro de 1889, colloca no pavilhão nacional o lema positivista—Ordem e Progresso—estatuiu a tolerancia religiosa e separou a igreja do estado.

Como consequencia fatal de tão funesta resolução, o ensino religioso ausentou-se das nossas escolas, de sorte que, no futuro, quando os nossos filhos se tornarem cidadãos, a idéa de Deus será uma idéa vaga e supersticiosa no seio da familia brasileira.

Menos impiedade, senhores! e mais respeito á religião christa.

Hygino Bello.

Fonte: Hemeroteca Digital - 13 de 1898 (BND, [2025]).

Nesse sentido, Chartier (1990) aponta que a imprensa deve ser compreendida não apenas como um veículo de informação, mas também como um espaço de construção das representações sociais. Por isso, *A Palavra*, em suas representações sobre as mulheres, contribui para firmar uma imagem feminina como sujeito recatado, devoto, que segue os ideais tradicionais e os limites do espaço privado.

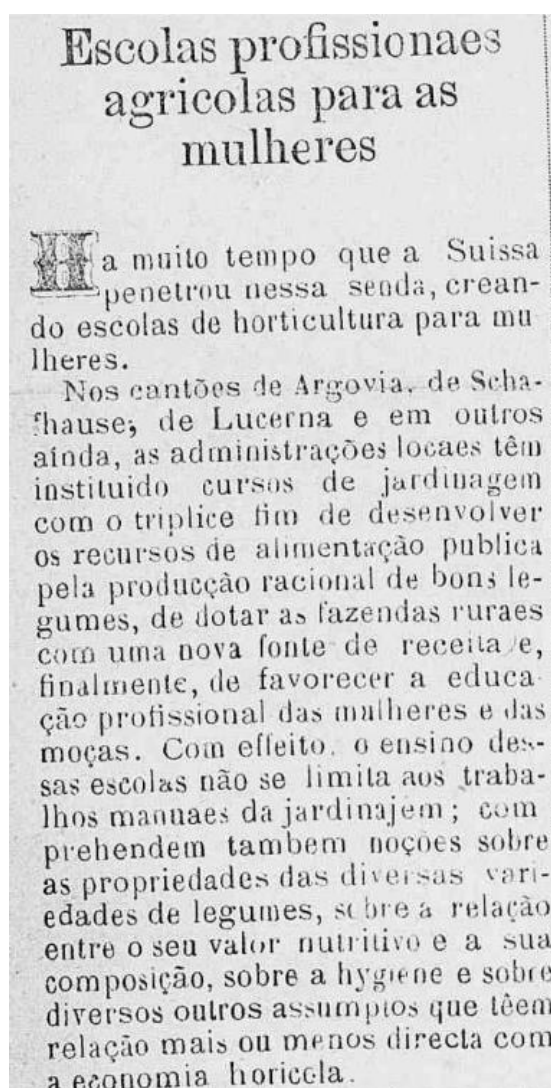
Quanto a algumas ideias de beleza e elegância, a revista apresentava alguns artigos relacionados ao ideal feminino. Na publicação 17 de 1898, tem-se dois artigos acerca da temática. “A mais bella”, destaca uma disputa entre três mulheres no que se refere a sua beleza, onde cada uma fala sobre as características do seu rosto, olhos, cabelos e pele, como “sou mais bella que vós outras, porque tenho a alvura das

brancas praias, os cabellos pretos como o alto mar e meus olhos são azues como o ceu” ou “porque tenho a côr das Rainhas das Balladas, o meu rosto é corado como o carmim, a minha pele é mais macia do que as de vós outras” e “porque tenho a cor morena, essa cor tão cantada pelos poetas, a côr que se assemelha á da campina verdejante”.

Já “A formosura”, escrito por Thereza Maria de Jesus, aponta para a feição do rosto e uma forma elegante, a qual possui uma fragilidade diante do tempo de vida. “A formosura é uma bem frágil, e quanto mais se lhe vão aproximando os annos, tanto mais vai se desfazendo em si e fazendo-se menor”. Essa afirmação, diante dos ideias da revista, revela um ideal de beleza feminino ligados a juventude, o que na perspectiva de Priore (1997), ao abordar sobre a construção da feminilidade no período oitocentista, afirma que o corpo da mulher seria um ‘cartão de visitas’ de valores morais e sociais, que poderia se perder com o tempo e então precisava ser cultivada.

É possível perceber também na revista, a tentativa de conciliar alguns elementos da modernidade, como por exemplo os artigos voltados para trabalho, caso de “Milagres do trabalho”, número 20 de 1898 e “Escolas profissionaes agricolas para as mulheres”, número 38 de 1898, porém, reafirmando papéis sociais. Esses títulos, ambos sem a identificação de autor, principalmente o das mulheres, apresentam discursos limitados acerca da inserção da mulher no mercado de trabalho.

Percebe-se que mesmo falando sobre uma oportunidade de estudo e trabalho para as mulheres, os mesmos se encaixam nas funções domésticas, o qual envolve os cuidados com a jardinagem, conhecimentos sobre legumes e sua higiene, ou seja, não ultrapassava os afazeres do lar. Lima (2007) alerta sobre isso, revelando uma tensão entre a permanência de uma tradição e as possibilidades de mudanças por influência da imprensa.

Figura 12 - Mulheres e trabalho

Fonte: Hemeroteca Digital - 38 de 1898 (BND, [2025]).

Como já comentado ao longo deste trabalho, um dos trabalhos direcionado às mulheres era ser educadora/professora, o qual também fazia referência ao seu papel como mãe, ligadas ao seu ideal de cuidado, amor e sensibilidade. Apesar de não ser encontrado nos números disponíveis títulos relacionados a essa profissão, a revista frequentemente associa a figura feminina à função educativa.

São muitas vezes as próprias mães, as que, levemente, cuidando contribuir para que seus filhos sejam um conjunto de preciosidades moraes, lhes dão a primeira idéa de mal, assacando-lhes defeitos que os innocentinhos nem sequer sonham ainda [...] A mãe, que fomenta desvelada o desenvolvimento do bem na alma juvenil dos filhos, não promove somente a felicidade d'elles; vae mais longe. E' a sociedade quem ha de receber os maiores juros d'aquelle capital. Quem attender bem nas brincadeiras de qualquer creança reconhece logo o systema de educação que a dirige (A PALAVRA, 1898, n. 10).

Isso dialoga com os ideais oitocentistas que atribuíam à mulher o dever de formar moralmente os futuros cidadãos (Cunha, 2014). O trecho mostra que a mãe possui um papel primordial na formação de caráter dos filhos e que a moralidade da criança é criada no lar sob responsabilidade da mulher para um bom desenvolvimento do filho, bem como para a sociedade, ou seja, a boa criação da criança seria um investimento social.

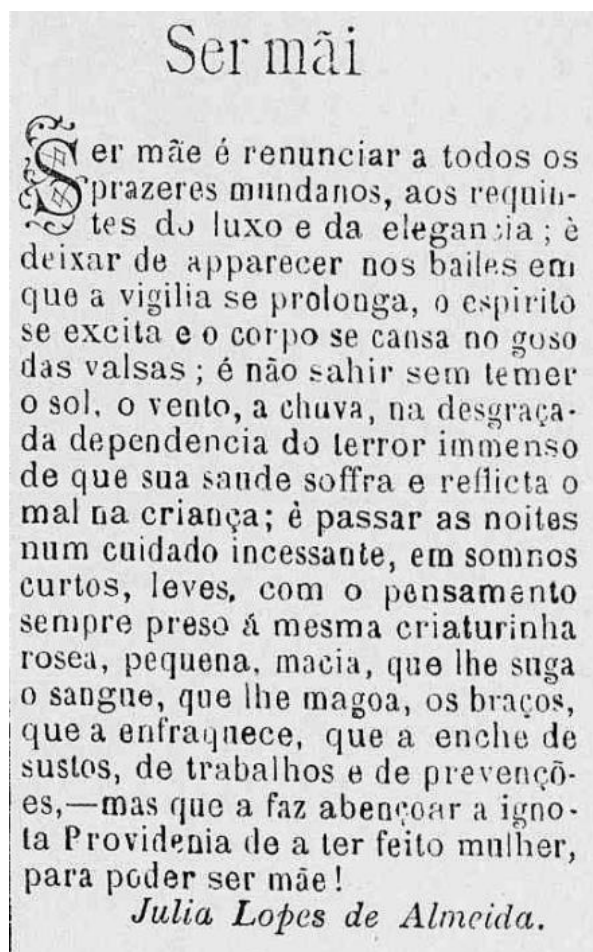
É possível perceber a influência dos discursos que ditavam um ideal de mulher que se estendeu por décadas e, “da mesma forma, compreender os motivos que levaram tantas mulheres a ver no elogio da maternidade a fórmula mágica para escapar da condição desprezível em que a maioria vivia” (Lima, 2007, p. 103).

A mulher [...] tinha a sua identidade biologicamente definida como o sexo frágil e dependente do homem. Ela era socialmente acessória - o homem que não fosse casado e tivesse uma mulher em casa, não tinha prestígio social. E, por fim, a mulher era politicamente irrelevante, considerando que o cidadão do século XIX era caracterizado como homem livre, branco, rico e alfabetizado (Siqueira, 2019, p. 25).

Considerando essa inferiorização das mulheres, as matérias que apresentavam sobre a ideia de uma emancipação feminina eram poucas, e, por isso, Santos (2022, p. 229) definiu o conteúdo apresentado na revista *A Palavra* como “emancipacionismo contido”.

Tem-se como exemplo um artigo de uma publicação por Júlia Lopes de Almeida, com o título *Ser mãe*, no número 20, de 1898, com uma grande exaltação da maternidade. Santos (2022) aponta que a autora defendia uma educação moral e formal para a mulher, que ela tivesse direito de trabalhar e ascender profissionalmente, mas sempre destacou a importância de ser mãe.

Figura 13 - Ser mãe



Fonte: Hemeroteca Digital - 20 de 1898 (BND, [2025]).

Nesse artigo, a mulher é representada como um ser abençoado por poder ser mãe, tendo dom natural e instintivo do cuidado e afeto, que precisava renunciar às escolhas, aos prazeres e à elegância para se dedicar ao cuidado da criança, o que se encaixava ao modelo ideal da maternidade, construído pelos valores morais e cristãos (Santos, 2022). Ao apresentar a maternidade como uma benção, o artigo reforça o sistema patriarcal vigente e a associação entre a feminilidade, moralidade e domesticidade, desvalorizando outras funções que a mulher poderia ter.

Na mesma edição em um título exclusivamente sobre emancipação, denominado “A emancipação da mulher”, assinado por Hygino Bello, ele a apresenta como um “problema” com dois lados: um que defende a emancipação, tendo mulheres revolucionárias em busca de direitos como exemplo, e outro que não acredita nessas necessidades de direitos, dizendo que a mulher estava destinada para crescer no lar obedecendo a moral e costumes. Dito isso, finaliza o artigo informando que: “Não

queremos que a mulher logo que se case torne-se uma escrava, vivendo sob o jugo de um absolutismo demasiado, mas entendemos que a emancipação da mulher brasileira não passará de uma visão” (Bello, 1898).

A ideia do colaborador neste artigo apresenta a emancipação feminina como algo distante e talvez impossível. A construção social da mulher ligada a casa, ao casamento e a maternidade poderia fazer com que uma possível emancipação fosse uma ameaça a uma ordem e tradição existentes, sendo assim, desqualificadas (Priore, 1997).

Apesar da revista ser direcionada às mulheres, algumas páginas apresentavam também sobre o papel do homem na sociedade, o qual também tinha um destino a seguir. Observa-se no trecho a seguir que:

O homem tem também seu destino e sua natureza. Cumpre que seja o que deve ser: condição, sem a qual não é de seus semelhantes estimado, nem de si mesmo, nem é feliz. Sua natureza é aspirar a felicidade, compreender e provar que só a ella pode attingir, sendo virtuoso; isto é sendo tal, qual ordena, seu próprio interesse de acordo com as leis do Universo e as vistas de Deus (A PALAVRA, 1898, n. 34).

Nesse artigo, a revista representa o ideal de um homem daquele período, seguindo os valores morais e religiosos, ressaltando que a figura masculina também estava sujeita a expectativas sociais, envolvendo, assim, suas concepções de gênero em suas publicações.

Dentre todas as publicações, uma delas, a edição 21 de 1898, apresenta um artigo dedicado a uma mulher, “Ignez Sabino”, nome dedicado também ao título da matéria, a qual também faz parte de colaboradores da revista, estando presente na assinatura de dois artigos. No texto dirigido a ela, assinado por A.O, que não é identificado, Ignez é apresentada como “uma das escriptoras brasileiras que mais tem trabalhado”.

Ao longo do escrito, que ocupa mais de uma página da edição, tem-se informações sobre ela, sua naturalidade, estudos, trabalho, publicações, as quais demonstram uma grande admiração pela escritora, inclusive como mãe, perceptível em seu parágrafo final, quando fala que Ignez Sabino:

[...] é uma mãe extremosissima, uma sincera patriota, uma forte defensora do seu sexo, e que já seu nome illustre, no importante Diccionario Bibliographico Brasileiro do Dr. Sacramento Black, Ignez Sabino, repito, é um verdadeiro ornamento da sociedade brasileira (A. O., 1898, n. 21).

Quanto aos artigos escritos por ela, os títulos são “A liberdade”, da edição 23 de 1898 e “A consciência (do genesis espiritual)”, no número 34 de 1898, que falam, respectivamente, sobre a liberdade enquanto ser humano, sendo ela algo bom que permite os sujeitos viverem e com autonomia e também sobre a valorização da moral religiosa. Para Ignez, era necessário ter consciência e dignidade para respeitar a si mesmo e aos outros, cumprindo com o dever de ser moral em suas ações.

Ao longo das edições, aparecem também artigos sobre música, pensamentos e charadas, por exemplo, o que poderiam ser de interesse geral e ampliar o seu público a partir de informações culturais e conhecimentos gerais.

Figura 14 - Charada

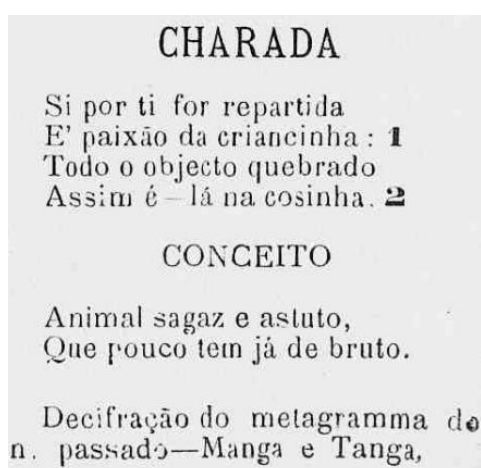
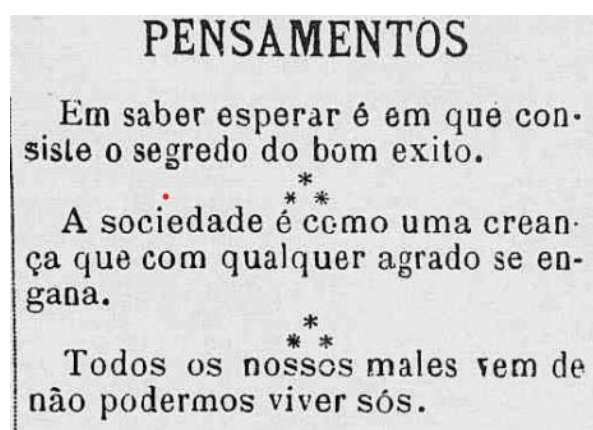


Figura 15 - Pensamentos



Fonte: Hemeroteca Digital - 33 de 1898(BND, [2025]).

Tanto as “charadas” quanto os “pensamentos” envolviam assuntos variados, principalmente as charadas, como percebe-se acima. Já os pensamentos, geralmente estavam associados a uma reflexão sobre a vida ou a sociedade de uma forma mais ampla.

Ao longo das publicações ainda apareciam alguns artigos mais variados como “Amarguras”, “Sonho exilado”, “Vozes d’Alma” e “O descanso do domingo”. Esses, em sua maioria, apresentam discursos mais reflexivos com temas relacionados à vida e também às mulheres.

Quereis, mancebos, viver sempre felizes?

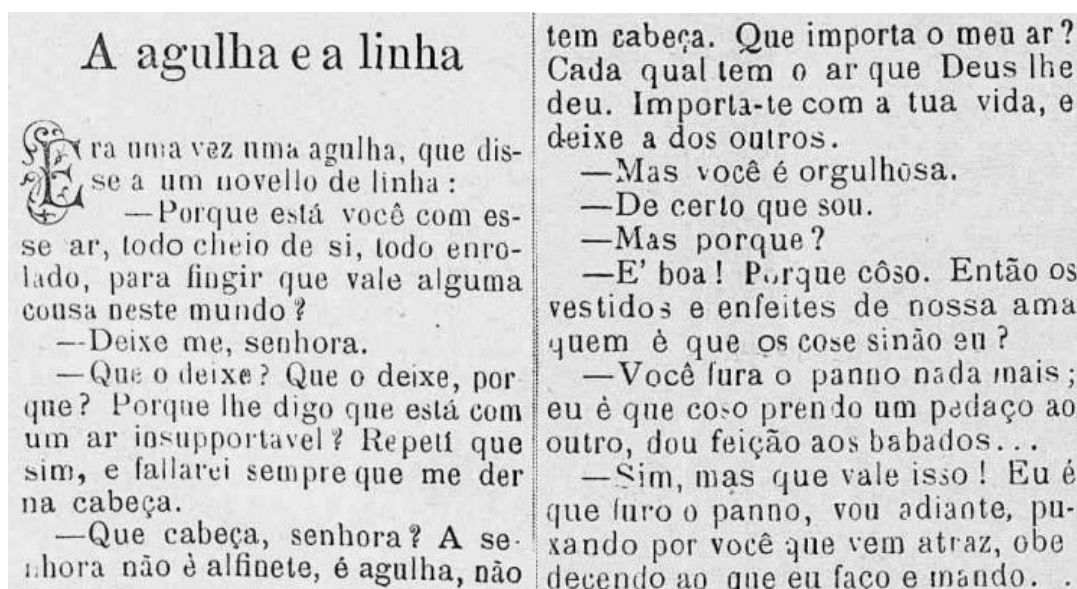
Amai!

O amor é a hera que se enrosca a vida para amparar-lhe as ruínas da existência. É a chuva de orvalho que floresce o coração; é como o opio que lhe adormece as amarguras para lhe esmaltar a vida de resplendores. Admirai as mulheres, como a suprema expressão do Criador. Buscai no seu olhar, no seu meigo carinho o aconchego da vossa alma erma e perdida, fria e gelada, sem as irradiações que se emanam da sua aureola de luz (Tavares, 1898, n. 27).

O trecho apresenta um discurso romântico que idealiza o amor e a mulher, aconselhando os homens, chamados de “mancebos”, a buscar a felicidade com ambos. Mais uma vez a representação da mulher é idealizada, dessa vez como suporte moral e emocional para os homens.

Nesse sentido, vale destacar também um artigo escrito pelo famoso escritor Machado de Assis. O título de seu texto é “A agulha e a linha”, presente na edição 27 de 1898, caracterizado como uma crônica que utiliza objetos do cotidiano das mulheres, agulha e linha, para passar uma lição moral e social sobre humildade e respeito.

Figura 16 - Crônica de Machado de Assis



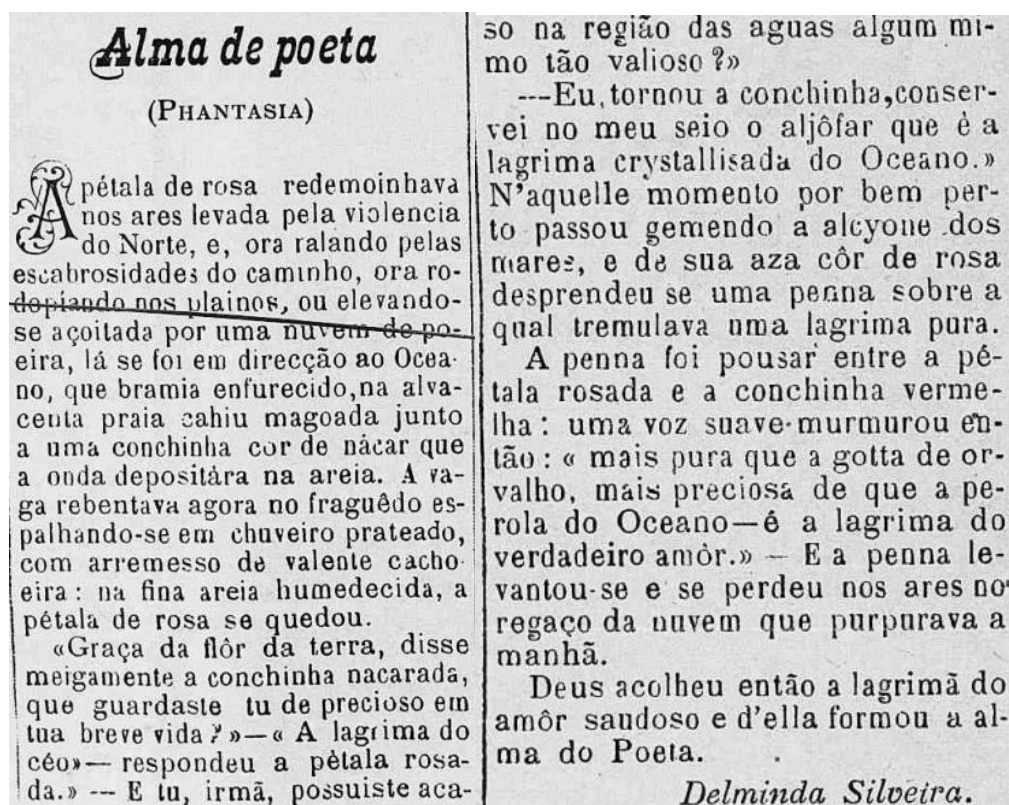
Fonte: Hemeroteca Digital - 27 de 1898 (BND, [2025]).

Neste trecho, a crônica narra um diálogo entre uma agulha e uma linha. A agulha é orgulhosa e se gaba quanto a sua importância na costura, desvalorizando a função da linha, enquanto esta, tenta argumentar que ambas têm funções diferentes que se complementam. No fim de toda a história, destaca-se que a agulha foi deixada

de lado quando a costura terminou e a linha permaneceu na peça formada. Entende-se isso quando a linha fala “quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha de costura?”. O autor, assim, conta uma história de forma irônica e finaliza deixando a moral de que às vezes algumas pessoas são apenas agulhas na vida de outras.

Mais um destaque vai para os escritos de Delminda Silveira, que apareceu em outros capítulos da pesquisa, a qual possui uma publicação com o título “Alma de poeta” e “Uma recordação”.

Figura 17 - Alma de Poeta de Delminda Silveira



Fonte: Hemeroteca Digital - 20 de 1898 (BND, [2025]).

Esse artigo de Delminda Silveira, se apresenta como uma prosa poética apresentando símbolos da natureza como pétala de rosa, conchinha, ondas do mar, penna, orvalho, que formam uma metáfora sobre a sensibilidade, o amor e a criação poética.

Figura 18 - “Uma recordação” de Delminda Silveira

Os fios doirados d'aquelles cabellos loiros eram o resplendor do meu sol querido, e os lindos raios d'aquelle formoso esplendor vestiam de caricias o meu pobre coração gelado pelo frio de uma eterna viuvez; então, as saudades podiam aqui abrir mais formosas, mais vividas, como nos dias do meu passado feliz. Porém agora...”

E chorava, pendida a pallida fronte, qual violeta mimosa ao derramar na terra orvalhos que lhe vêm do Céu!

Delminda Silveira

Fonte: Hemeroteca Digital - 41 de 1898 (BND, [2025]).

Esse outro texto de Delminda Silveira reafirma a representação da mulher como mãe angelical, símbolo de amor e consolo, e da filha como herdeira dessa sensibilidade, marcada pela fragilidade e pelo sofrimento poético. Isso se conecta com o papel social atribuído às mulheres pela revista: ser guardiãs da moral, do lar e da afetividade, sempre vinculadas ao espaço privado e sentimental.

Quanto à última edição disponível da revista, diferente das outras que possuem um padrão de quatro páginas, ela tem apenas duas páginas, onde é possível perceber a existência de um corte, que possivelmente teria uma continuação, seguindo o seu editorial padrão.

Figura 19 - Última página disponível

<p style="text-align: center;">Maravilha Americana</p> <p>Preparado destinado á curar n'um momento todas as molestias que atacam as arvores e os animaes. A Maravilha Americana é o debellador instantaneo de todas as pragas e epidemias que assolão as fazenda de criação e lavoura. Uma lata 2\$500 reis. Uma duzia 25\$000 reis.</p>	<p>RECUSA</p> <p>Não vacilles, minha amada! Não reflectas ante o desejo de um coração que a toda hora reveste o teu nome com as ropagens cellifluas de um affetto indizível e excepcional. A tua mãe não sente, como suppões, esta ausencia que a farás em poucos minutos. Partamos, pois. Verás</p>	<p>...compensar que por passam brandas. suaves, cheias de olor por sobre o turibulo elegante e microscopico das flores do prado, iriamos pressurosos áquelle monte arenoso, desfructar, n'uma orchestra de suspiros langorosos, o nosso verdadeiro amor, e lá em cima, então, havias sentir um prazer estranho, ameno, sensual quando, de encontro ao feito meu, eu inclinasse a tua cabecinha pequenita para mostrar-te os lampejos aurigeros do sol</p>
---	---	---

Fonte: Hemeroteca Digital - 43 de 1898 (BND, [2025]).

Pelo possível corte, não contém nenhum anúncio, como também era de costume, sendo apresentados apenas cinco artigos com conteúdos aleatórios. Além disso, não há nenhuma informação quanto a uma pausa ou fim da revista, bem como não foi possível encontrar a respeito disso em nenhuma outra fonte. Sendo assim, não se sabe o porquê da sua disponibilidade apenas até 1898 e se há continuações ou não.

No geral, a análise da materialidade e do conteúdo da revista *A Palavra* revela um periódico que adentra em um contexto editorial voltado para o público feminino no final do século XIX, bem como constrói e articula diferentes discursos sobre diferentes temas sobre a vida das mulheres. Seu título com a frase “dedicada à instrução e recreio da mulher” aponta para seu objetivo, que se compreende, a partir de sua leitura, contribuir para uma formação moral, seguindo os padrões sociais definidos no período.

A diversidade de seções, anúncios e artigos mostra seus interesses, onde temas como cuidados do lar, da família, moda e cozinha, por exemplo, se relacionam com os discursos sobre o papel da mulher na sociedade. Além disso, os artigos sobre instrução, comportamento e profissionalização, mostram uma tentativa de inserir a mulher no espaço público mantendo os valores tradicionais.

A representação da mulher na revista aparece de forma inferior em textos assinados por elas, enquanto os homens dominam os artigos assinados, críticas e reflexões de caráter político, social e literário. As colaboradoras como Delminda Silveira, Ignez Sabino e Maria Dulce aparecem em poucas edições e com textos que envolvem a sensibilidade, a poesia e a imaginação, reforçando papéis associados ao universo feminino tradicional como delicadeza, amor, pureza e natureza.

É possível perceber que, em suas representações, existia uma expectativa sobre o papel social da mulher desde criança, que deveria ser obediente e comportada, até a sua juventude, devendo ser reservada e com interesse no lar, bem como até ser adulta, estando pronta para o casamento e a maternidade. Assim, segundo Azevedo (2016) se elas seguissem esses padrões, seriam consideradas mulheres ideais.

Nos textos que tratam sobre o papel social da mulher, a revista representa a mulher como aquela que deve renunciar aos prazeres e à vida pública, dedicando-se ao espaço doméstico, à maternidade e ao cuidado com a família. A maternidade é exaltada como a maior bênção da mulher, apresentada como um sacrifício nobre, no

qual ela abdica da vaidade, da elegância e do luxo para cuidar do filho e do lar.

Portanto, *A Palavra* pode ser considerada um veículo de informação da imprensa feminina que, ao mesmo tempo, reforça e negocia os limites sobre o papel social feminino diante das tradições e transformações. Compreender isso, é fundamental para as considerações finais desta pesquisa, na qual foi apresentada como as mulheres eram representadas nos discursos da revista, a fim de compreender os ideais de uma figura feminina naquele período.

5 CONCLUSÃO

Essa dissertação, sob ótica da História da Educação, buscou identificar os conteúdos veiculados na revista *A Palavra*, analisando como as mulheres eram representadas, seguindo o conceito de Chartier (1990), nos discursos da revista, a fim de compreender os ideais femininos na sociedade oitocentista brasileira do final do século XIX.

Considerando que a imprensa não apenas reflete, mas também contribui para a produção de representações sociais, foi interessante perceber como a revista dialogava com o contexto social da época acerca das mulheres.

Costa (2010), afirma que o Brasil no final do século XIX, em meio às mudanças do período imperial para o republicano, que aconteceu em 1889, foi marcado por transformações no meio político e social que gerou uma nova estrutura de poder e um novo olhar para a sociedade e seus sujeitos, inclusive para a mulher, que, apesar dos padrões sociais enraizados sobre a sua vida pública, se deparou com a necessidade de novos ideais e uma necessidade de uma instrução mais formal e oportunidades de novos trabalho.

Diante disso, ao longo deste trabalho, a temática referente a imprensa feminina e a história das mulheres, bem como a análise da revista *A Palavra* tomada como fonte, foram apresentadas em diferentes capítulos, com informações e visão mais aprofundada que contribuíram para uma melhor compreensão das representações sociais atribuídas às mulheres no final do século XIX.

Segundo Azevedo (2016, p. 35) estudar sobre o papel social da mulher com discursos que diminuem a sua identidade e seus direitos é fundamental para definir uma “cultura patriarcal reforçada na modernidade brasileira em leis, a partir de uma mentalidade de secundarização da mulher que é recepcionada em diferentes momentos da República”.

Nesse sentido, a materialidade da revista e a escolha editorial de seus conteúdos contribuem para a compreensão de como os periódicos femininos atuavam na construção de representações sociais da mulher, negociando os sentidos entre tradição e transformação, bem como fazia parte de uma formação educativa das mulheres, já que muitas não tinham acesso a uma educação formal.

Segundo os escritos da revista, as mulheres tinham o dom da delicadeza, da beleza, do amor, do afeto, da paciência e da obediência. Eram seres divinos que

possuíam missões ligadas ao casamento e à maternidade, que tinha sua vida associada aos homens, seja pelo pai ou pelo marido. Essas representações estavam em artigos que falavam sobre educação, trabalho, religião, comportamento, reflexões, receitas, dentre outros.

Destaca-se entre as análises os temas que representam as mulheres em termos de moral e religião, ligados também à maternidade e ao casamento. É interessante perceber que mesmo em diferentes temáticas dentro da revista, o papel da mulher destinado ao lar, ser esposa e mãe predominavam na revista em suas ideias e objetivos a serem passados de forma instrutivas e educativas para elas, e também de modo descritivo e prescritivo em seus escritos.

Com a análise, foi possível perceber que a revista da imprensa feminina, prescrevia, bem como descrevia um padrão social de feminilidade marcado por valores morais, religiosos e patriarcais, representando a mulher no ambiente privado, cuidando de sua família. Também entende-se a importância da instrução proposta pela revista, mesmo que de forma limitada às tarefas destinadas social e culturalmente para a mulher, como por exemplo, a oportunidade de trabalho em atividades consideradas uma extensão do lar.

Essa dualidade mostra que o periódico, apesar de uma essência conservadora, reconhecia a necessidade de uma formação mais formal e intelectual para as mulheres dentro dos limites que atendiam o padrão social de valores, comportamentos e condutas, já que as mulheres eram associadas ao lar, a obediência e a moralidade (Priore, 1997).

É válido destacar que a revista possuía uma assinatura mensal, o que limitava o seu acesso às mulheres com melhores condições econômicas. Sob o ponto de vista das diferenças de classe, renda e raça, a situação das mulheres pioravam, sendo ainda mais desfavorecidas na sociedade e sem acesso devido aos meios de comunicação.

Os resultados confirmam que a imprensa feminina do final do século XIX, foi um espaço de tensão e possibilidades entre manter uma tradição seguindo as estruturas de poder e a abertura de brechas para a participação no espaço público. Isso reforça a relevância de pesquisas que tenham revistas e jornais como fonte histórica para compreender a construção, no caso desta temática, de identidades de gênero e o papel da educação nesse processo.

É possível perceber que é apresentada uma expectativa sobre a mulher desde

criança, que deveria ser obediente e comportada, até a sua juventude, devendo ser reservada e com interesse no lar, bem como até ser adulta, estando pronta para o casamento e a maternidade. Assim, segundo Azevedo (2016) se elas seguissem esses padrões, seriam consideradas mulheres ideais.

A mulher era educada e instruída nos princípios de valores moral e religioso e dos cuidados do lar. Era importante a preparação da mulher para o casamento, para se tornar mães educadoras, sem que isso lhes dessem a oportunidade de garantir uma emancipação.

Dessa forma, *A Palavra*, segundo Ferreira (2022, p. 24), se encaixa no grupo de revistas da imprensa feminina do século XIX que tinham como foco instruir e educar mulheres “para exercer com excelência os papéis de mãe e esposa, tidos pela sociedade da época como sendo os mais importantes de suas vidas”.

A pesquisa, nesse sentido, preserva a memória de um tempo em que o papel social era limitado de forma rígida, mas também permite perceber alguns passos para o caminho de transformações que ocorreriam aos poucos ao longo da história. Temos contato com as raízes históricas de debates ainda atuais, o que revela a importância da história. Estudar e pesquisar sobre a história das mulheres no passado permite a compreensão de suas condições e lutas até os dias atuais e a pensar nas possibilidades de transformações para o futuro que visam à equidade de direitos e respeito sobre a sua vida.

Portanto, esse estudo com fontes históricas permite olhar para o passado e fazer uma reflexão crítica quanto aos avanços e retrocessos que envolvem as definições do papel social da mulher, e conseqüentemente, as instruções e ensinamentos que ocorreram ao longo da história e que refletem na atualidade vivenciada por elas.

De modo geral, a pesquisa contribuiu para ampliar a compreensão acerca da representação da mulher no Brasil nos anos finais do século XIX, em um momento de transição entre Império e República, bem como sobre o trabalho da imprensa para a comunicação e consolidação de ideais femininos.

Analisar um periódico como *A Palavra* é conhecer e entender discursos limitados de direitos femininos, que ao mesmo tempo mostram possibilidades de inserção da mulher na vida pública. Desse modo, espera-se que esta pesquisa seja uma base e incentivo para novas investigações sobre variadas representações de sujeitos históricos sob a ótica da imprensa brasileira.

REFERÊNCIAS

A PALAVRA: Revista Litteraria Dedicada a Instrução e Recreio Da Mulher. Alagoas: [s. n.], 1889-1898. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=809888&pesq=Revista%20Litteraria%20Dedicada%20a%20Instruc%C3%A7%C3%A3o%20e%20Recreio%20Da%20Mulher&pasta=ano%20189&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=5>. Acesso em: 13 jan. 2025.

A. O. Ignez.Sabino. *In*: A PALAVRA: Revista Litteraria Dedicada a Instrução e Recreio Da Mulher. Alagoas: [s. n.], 1889-1898. n. 21. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=809888&pesq=Revista%20Litteraria%20Dedicada%20a%20Instruc%C3%A7%C3%A3o%20e%20Recreio%20Da%20Mulher&pasta=ano%20189&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=5>. Acesso em: 13 jan. 2025.

AMORAS, Maria; COSTA, Solange Maria Gayoso da; ARAÚJO, Luana Mesquita de. O ativismo das mulheres negras escravizadas no Brasil colonial e pós-colonial, no contexto da América Latina. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Natal, v. 23, p. 1-22, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22296/2317-1529.rbeur.202128>.

AZAMBUJA, Manuela de; HENRIQUES, Fernanda; DOMICIANO, Cassia Leticia Carrara. A materialidade das revistas de moldes, o ofício da costura e as mulheres: estudo de caso da Revista Manequim. **Educação Gráfica**, Bauru, v. 26, n. 2, p. 42-52, ago. 2022. Disponível em: chrome-extension://efaidnbnmnnibpcajpcgiclfndmkaj/https://www.educacaografica.inf.br/wp-content/uploads/2022/08/06_A-MATERIALIDADE-DAS-REVISTAS_42_56.pdf. Acesso em: 13 jan. 2025.

AZEVEDO, Fátima Gabriela Soares de. **A função social da mulher**: a discussão sobre o papel feminino em jornais, revistas e no parlamento no Brasil de 1910 a 1934. 2016. Dissertação (Mestrado em Direito) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/9390>. Acesso em: 5 jul. 2025.

BARRETO, Jennifer Azevedo. **O discurso, o imaginário e a identidade da mulher no semanário O sexo feminino (1873)**. 2024. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2024. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/20233>. Acesso em: 12 jan. 2025.

BARROS, José de D'Assunção. **Fontes históricas**: uma introdução aos seus usos historiográficos. Rio de Janeiro: ANPUH, 2019.

BARROS, José de D'Assunção. Sobre o uso dos jornais como fontes históricas - uma síntese metodológica. **Revista Portuguesa de História**, Coimbra, t. LII, p. 397-419, 2021. DOI: https://doi.org/10.14195/0870-4147_52_17.

BASTOS, Maria Helena Câmara. A imprensa periódica educacional no Brasil (1808-1944). In: CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara (org.).

Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras, 1997.

BELLO, Hygino. A moral social. In: A PALAVRA: Revista Litteraria Dedicada a Instrução e Recreio Da Mulher. Alagoas: [s. n.], 1889-1898. n. 26. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=809888&pesq=Revista%20Litteraria%20Dedicada%20a%20Instruc%C3%A7%C3%A3o%20e%20Recreio%20Da%20Mulher&pasta=ano%20189&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=5>. Acesso em: 13 jan. 2025.

BEZERRA, Giovani Ferreira. Nos bastidores da pesquisa histórica: proposições sobre manipulação e tratamento documental de impressos periódicos. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, v. 22, p. 1-21, 2023. DOI: <https://doi.org/10.14393/che-v22-2023-172>.

BND - BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. **Hemeroteca digital**. Rio de Janeiro: BND, [2025]. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 16 abr. 2025.

BURIOLI, Simone; VIEIRA, Ana Flávia Braun; PIALARISSI, Simone Garbeline Parro. Puras, inocentes e virtuosas: a pedagogia cultural da revista *a palavra* e a educação das mulheres no final do século XIX. **Ponta de Lança**: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 18, n. 35, p. 53–70, jul./dez. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/pontadelanca/article/view/21926>. Acesso em: 22 jan. 2025.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989)**: a Revolução Francesa da historiografia. Tradução: Nilo Odalia. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto: EDUSP, 1988.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Manuais de Pedagogia, materialidade do impresso e circulação de modelos pedagógicos no Brasil. **Revista Colombiana de Educación**, Bogotá, n. 52, p. 114-135, enero/jun. 2007.

CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara (org.). **Educação em revista**: a imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras, 2002.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difusão Editorial, 1990.

COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à República**: momentos decisivos. São Paulo: Editora da Unesp: 2010.

CUNHA, Karolina Dias da. As mulheres brasileiras no século XIX. In: ENCONTRO NACIONAL DO GRUPO DE TRABALHO GÊNERO/ANPUH, 2014, Vitória. **Anais** [...]. Vitória: UFES, 2014. p. 1-12. Disponível em: chrome-extension://efaidnbnmnnibpcajpcgclefindmkaj/https://legpv.ufes.br/sites/legpv.ufes.br/files/field/anexo/karolina_dias_da_cunha.pdf. Acesso em: 25 maio 2021.

DUARTE, Constância Lima. A história possível: imprensa e emancipação da mulher no Brasil no século XIX. **Miscelânea**, Assis, v. 24, p. 11-26, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/1215>. Acesso em: 25 nov. 2023.

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil - Século XIX** - Dicionário ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

DUARTE, Constância Lima. Imprensa feminina e feminista no Brasil: nos primórdios da emancipação. **Revista XIX**, Brasília, v. 1, n. 4, p. 95–105, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistaXIX/article/view/21741>. Acesso em: 20 nov. 2023.

FERREIRA, Gessica Mendes. **Educação para a instrução**: notas sobre as mulheres no periódico a palavra (1889 – 1898). 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2022. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/14861>. Acesso em: 25 jan. 2025.

IVASHITA, Simone Burioli. A imprensa na produção do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (1993-2018). **Atos de pesquisa em educação**, Blumenau, v. 16, p. 1-21, 2021. Disponível em: <https://bu.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/9009/0>. Acesso em: 24 abr. 2023.

KNAPP, Cristina Loff. A mensageira: consolidação da escrita feminina no século XIX. **Aletria**: Revista de Estudos de Literatura, Belo Horizonte, v. 31, n. 3, p. 167-186, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/29024>. Acesso em: 18 dez. 2023.

KNAPP, Cristina Löff; PORTO, Patrícia Pereira. Vozes da resistência na imprensa feminista do Século XIX: a escrita de Prescilina Duarte de Almeida e Maria Clara da Cunha Santos. **Revista de Letras Norte@mentos**, Sinop, v. 16, n. 43, p. 88-102, jun. 2023. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/norteamentos/article/view/10888>. Acesso em: 19 dez. 2023.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. rev. Campinas: Ed. da Unicamp, 2013. Documento/monumento. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/sele%C3%A7%C3%A3o_2020.1/LE_GOFF_-_Documento_monumento.pdf. Acesso em: 13 jun. 2025.

LIMA, Sandra Lúcia Lopes. Imprensa feminina, Revista feminina. A imprensa feminina no Brasil. **Projeto História**, São Paulo, n. 35, n. 2, p. 221-240, dez. 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2219>. Acesso em: 05 jan. 2024.

LOBATO, Denise Araújo. Instrução feminina: o livro das noivas de Júlia Lopes de Almeida. In: CONGRESSO INTERNACIONAL - FLUXOS E CORRENTES: trânsitos e traduções literárias, 14., 2015, Belém. **Anais [...]**. Belém: Universidade Federal do Pará, 2015. p. 1-12. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1456146838.pdf. Acesso em: 7 jun. 2025.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Perspectivas históricas da educação**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LUCA, Leonora de. **Amazonas do pensamento: a gênese de uma intelectualidade feminina**. 2004. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1234673>. Acesso em: 7 jun. 2025.

LUCA, Tania Regina de. Imprensa feminina. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

MENDONÇA, Ismael Lopes. Materialidade significativa dos cadernos especiais do jornal o povo: uma análise cultural. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 18, p. 01-24, 2022.

MUZART, Zahidé Lupinacc. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 225-233, jun. 2003.

NASCIMENTO, Aline de Jesus. Roger Chartier: contribuições e perspectivas gerais de suas obras. **Revista Temática**, João Pessoa, v. 14, n. 5, p. 188-205, maio 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/39941>. Acesso em: 23 jan. 2025.

NASCIMENTO, Cecília Vieira do. **O sexo feminino em campanha pela emancipação da mulher (1873/1874)**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/FAEC-85VJJKG>. Acesso em: 23 jan. 2025.

NÓVOA, António. A imprensa de educação e ensino: concepção e organização do repertório português. In: CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara (org.). **Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo: Escrituras, 2002.

PASSOS, Mauro. Passagens do lugar - caminhos e cenários da história da profissão docente em Minas Gerais. **História da Educação em Minas Gerais: da colônia à república**. Uberlândia: EDUFU, 2019.

PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

PRIORE, Mary Del. **Sobreviventes e guerreiras**: uma breve história da mulher no Brasil de 1500 a 2000. São Paulo: Editora Planeta, 2020.

RAMOS, Paula da Silva. Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX - dicionário ilustrado. **História**, São Paulo, v. 36, p. 1-5, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-436920170000000017>

SANTOS, Livia Assumpção Vairo dos. **Vozes para além da alcova**: discurso feminista no jornal A Família, de Josephina Álvares de Azevedo. 2022. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/19795>. Acesso em: 22 jan. 2025.

SIQUEIRA, Júlia Militão. **A imprensa feminina do século XIX e a representação da mulher no periódico O Sexo Feminino (1873-1889)**. 2019. Monografia (Graduação em Jornalismo) - Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2019. Disponível em: https://www.monografias.ufop.br/bitstream/35400000/2142/1/MONOGRAFIA_ImprensaFemininaS%C3%A9culo.pdf. Acesso em: 23 jan. 2025.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUTO, Bárbara Figueiredo. **Imprensa feminista no Brasil**: mulheres oitocentistas em luta por direitos. Curitiba: Appris, 2019.

SOUZA, Cássia Regina da Silva Rodrigues de. Periódicos feministas do Século XIX: um chamado à resistência feminina. ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH- RIO, 15., 2012, São Gonçalo. **Anais [...]**. São Gonçalo: ANPUH- RIO, 2012. p. 1-23. Disponível em: https://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1337815812_ARQUIVO_ARTIGOANPUH2012.pdf. Acesso em: 22 jan. 2025.

TAVARES, M. Vozes D'Alma. *In*: A PALAVRA: Revista Litteraria Dedicada a Instrução e Recreio Da Mulher. Alagoas: [s. n.], 1889-1898. n. 27. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=809888&pesq=Revista%20Litteraria%20Dedicada%20a%20Instruc%C3%A7%C3%A3o%20e%20Recreio%20Da%20Mulher&pasta=ano%20189&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=5>. Acesso em: 13 jan. 2025.

VAQUINHAS, Irene Maria. Miserável e gloriosa: a imagem ambivalente da mulher no século XIX. *In*: ACTAS DO COLÓQUIO PROMOVIDO PELO CENTRO DE ESTUDOS CAMILIANOS E PELA CASA-MUSEU DE CAMILO, 1995, Vila Nova de Famalicão. **Anais [...]**. Vila Nova de Famalicão: Centro de Estudos Camilianos, 1997. p. 35-52. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/36590>. Acesso em: 29 set. 2021.

VIDAL, Valdevania Freitas dos Santos. O uso dos impressos como fonte e objeto de investigação para estudos em História da Educação. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 5., 2008, Aracaju. **Anais** [...]. Aracaju: CBHE, 2008. p. 1-12. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/639188982/Imprensa-e-historia-da-educacao>. Acesso em: 29 set. 2021.

ZANLORENZI, Claudia Maria Petchak. História da educação, fontes e a imprensa. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, v. 10, n. 40, p. 60-71, 2010.

ZANLORENZI, Claudia Maria Petchak; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. Análise da imprensa como fonte de pesquisa para a História da Educação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 15, n. 3, p. 1181-1192, jul./set. 2020.